



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE CINEMA E AUDIOVISUAL

EDUARDO HENRIQUE DA SILVA

Perspectivas da Intimidade: a performance de identidades reais no *OnlyFans*

Recife

2024

EDUARDO HENRIQUE DA SILVA

Perspectivas da Intimidade: a performance de identidades reais no *OnlyFans*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Fernando Weller

Recife

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Eduardo Henrique da.

Perspectivas da Intimidade: a performance de identidades reais no
OnlyFans / Eduardo Henrique da Silva. - Recife, 2024.
53 p.

Orientador(a): Fernando Weller

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Cinema e Audiovisual -
Bacharelado, 2024.

Inclui referências.

1. Conceituação de Intimidade. 2. Identidade Real x Identidade Digital. 3.
Conflitos entre a Vida Pública e Privada. 4. Comercialização da Performance.
5. Construção do "Eu" e a Perda da Autenticidade. I. Weller, Fernando.
(Orientação).

II. Título.

300 CDD (22.ed.)

EDUARDO HENRIQUE DA SILVA

Perspectivas da Intimidade: a performance de identidades reais no *OnlyFans*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel.

BANCA EXAMINADORA

Fernando Weller (Orientador)

Departamento de Comunicação Social - UFPE

Cristina Teixeira Vieira de Melo (Examinadora Interna)

Departamento de Comunicação Social - UFPE

Catarina Amorim de Oliveira Andrade (Examinadora Externa)

Departamento de Letras - UFPE

A todos que fui e àqueles que foram antes daqui.

RESUMO

A revolução digital, acompanhada de sua transformação contínua, trouxe profundas alterações nas formas de se compreender e experimentar conceitos fundamentais como o íntimo e suas intersecções. Plataformas como o *OnlyFans* exemplificam essa mudança, dada a convergência entre a exposição e visibilidade de conteúdos pessoais, frequentemente atrelados a um teor sexual, e a projeção dessas identidades digitais enquanto objeto de performance. Sendo assim, o presente estudo visa explorar como essas plataformas são utilizadas como instrumento de personificação para moldar e transformar as noções de intimidade e identidade na sociedade contemporânea, analisando assim até onde vai a distinção entre o que é realmente autêntico e o que é comercialmente projetado.

Palavras-chave: Intimidade. Performance. Identidade. OnlyFans.

ABSTRACT

The digital revolution, accompanied by its continuous transformation, has brought profound changes in the ways of understanding and experiencing fundamental concepts such as intimacy and its intersections. Platforms such as *OnlyFans* exemplify this change, given the convergence between the exposure and visibility of personal content, often linked to sexual content, and the projection of these digital identities while object of performance. Therefore, this study aims to explore how these platforms are used as an instrument of personification to shape and transform notions of intimacy and identity in contemporary society, thus analyzing the extent of the distinction between what is truly authentic and what is commercially projected.

Keywords: Intimacy. Performance. Identity. OnlyFans.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. CONCEITUANDO a intimidade.....	11
3. APRESENTANDO a plataforma do <i>OnlyFans</i>	21
4. CONHECENDO os perfis propostos.....	30
4.1. Rita Cadillac.....	30
4.2. Giovanna Gold.....	36
4.3. Valesca Popozuda.....	41
5. CONCLUSÃO.....	47
6. REFERÊNCIAS.....	50

1. INTRODUÇÃO

Refletir sobre o que é a intimidade hoje revela uma discrepância significativa entre a minha própria visão e a concepção popular, que geralmente associa esse tema aos aspectos sexuais do indivíduo e a sua relação com o outro. Na geração atual, falar de corpo e sexo é quase que cotidiano e simples. Não que devesse ser difícil, burocrático ou mesmo complexo, mas a exposição derivada dessa discussão se tornou, de certa forma, trivial, perdendo o caráter intimista que possuíam anteriormente. No entanto, para mim, a intimidade reside agora nos detalhes cotidianos e banais, nas preferências pessoais que carregam consigo um valor afetivo e emocional, o que antes poderíamos dizer que era bobo ou mesmo comum. Conhecer a minha comida favorita, entender as atitudes que me aborrecem ou até saber as cores que prefiro vestir não são mais meras trivialidades, mas concepções profundamente idealizadas que revelam algo sobre a minha essência. De fato, todas essas questões sempre foram pessoais. Então, o que realmente mudou?

Essa transformação na maneira tradicional de interpretar a intimidade reflete, em parte, uma reação à crescente exposição e à banalização dos corpos e da sexualidade nos espaços digitais. Se o íntimo, em sua concepção mais direta e objetiva, é aquilo que pertence à esfera pessoal e carrega um significado próprio, surge a pergunta sobre como ele se redefine ao ultrapassar o imaterial e se manifestar de maneira palpável. Ainda podemos afirmar que essa representação projetada nas telas está conectada à nossa verdadeira intimidade, ou seria apenas uma nova forma de encenação, na qual simulamos e representamos experiências que antes permaneciam ocultas e reservadas? No final das contas, quando nos distanciamos das transmissões e exposições, continuamos sendo identificados pelos mesmos números em nossos documentos oficiais. Não somos personagens fictícios.

A distinção entre identidade real e digital é uma discussão recorrente entre os criadores de conteúdo, especialmente em plataformas como o *OnlyFans*. Muitos preferem separar essas duas dimensões, alegando que a persona online é uma construção artística, um personagem que existe unicamente pelo caráter performático. Entretanto, acredito que essa faceta é, na verdade, apenas uma das mais diversas extensões da verdadeira personalidade desse indivíduo. Embora haja elementos fora da curva de sua realidade, e que o espetáculo virtual demande características que

não são genuinamente coesas em seu cotidiano, a identidade digital não poderia ir muito além do reflexo das perspectivas, experiências e visões de mundo do criador.

Paula Sibilia, em seu livro “O Show do Eu”, argumenta que a auto exposição e a construção da identidade nas redes sociais são fenômenos complexos, nos quais o “eu” é continuamente moldado e projetado para um determinado público. De tal modo, a persona criada no *OnlyFans*, ou em qualquer outra plataforma de mesmo viés, embora performática, não pode ser totalmente dissociada da individualidade que forma cada um dos sujeitos. Ela surge de uma perspectiva pessoal e de uma visão única sobre o contexto no qual se insere, e, portanto, carrega traços genuínos da identidade real.

Sob essa ótica, as ferramentas digitais não criam figuras irreais, mas oferecem uma oportunidade para a exploração criativa de determinados aspectos do indivíduo que as utiliza. Cada publicação, fotografia ou interação é uma expressão desses elementos, que, mesmo inseridos em um contexto de atuação performática, continuam sendo genuínos. No final das contas, essas diversas expressões de identidade se encontram e se interconectam, compondo um mosaico intrincado, onde o que é espontâneo e o que é delicado se completam, formando uma totalidade que se enriquece pela pluralidade de suas partes.

A presente leitura tem como objeto de estudo a análise das performances de intimidade e identidade em determinados perfis digitais, com um enfoque particular na relação entre autenticidade e a mercantilização da intimidade. O estudo parte da investigação de três figuras públicas icônicas, cujas trajetórias pessoais e profissionais exemplificam diferentes facetas da exposição da intimidade no ambiente digital contemporâneo. A análise desses perfis permite uma compreensão mais profunda de como a intimidade é performada, negociada e, eventualmente, mercantilizada no contexto das redes sociais.

Para enriquecer essa investigação, o trabalho será estruturado em três partes principais. No primeiro capítulo, introduz-se o conceito de intimidade, desde sua origem como uma esfera privada até sua transformação em mercadoria digital. Serão considerados os argumentos de Paula Sibilia, principalmente, e outros teóricos, abordando o conceito de intimidade em perspectivas distintas e examinando como a trivialização do corpo e da sexualidade nas redes sociais influenciou a percepção contemporânea do tema.

Em seguida, discutiremos a identidade digital, com foco na distinção e interseção entre realidade e performance, e como isso reflete aspectos autênticos da personalidade do criador de conteúdo, onde o íntimo se torna espetáculo e os indivíduos passam a viver sob uma contínua vigilância de si mesmos. Este contexto é vital para a análise dos perfis escolhidos, uma vez que o *OnlyFans*, plataforma adotada como objeto de estudo e análise do segundo capítulo, oferece um novo palco para a exposição do eu, mediado por expectativas sociais e financeiras.

Por último, no terceiro capítulo, a investigação será direcionada à análise de casos particulares de determinadas figuras e seus perfis no *OnlyFans*, levantando sua trajetória até dado momento e como a intimidade e a identidade performática são articuladas e recebidas pelo público nesse processo virtual, sendo elas: Rita Cadillac, conhecida pelas suas múltiplas presenças enquanto performer, transitando entre a mídia televisa até o meio digital; Giovanna Gold, atriz e modelo, trazendo a separação entre o que denomina ser a sua pessoa real e a o seu alterego “Musa”; e, por fim, Valesca Popozuda, um dos grandes nomes do funk carioca, expandindo a sua já empregada marca erótica de trabalho em outros canais.

Este projeto então tem por objetivo aprofundar a compreensão das sutilezas presentes na projeção de intimidade e no conflito entre as identidades criadas a partir disso, se propondo a investigar como esses três perfis utilizam a plataforma para performar suas identidades e gerenciar sua intimidade, sempre em diálogo com as demandas comerciais impostas pelo ambiente digital. A partir dessa análise, busca-se entender as novas formas de construção das personas na era da hiperexposição, onde a intimidade se torna não apenas um meio de autoexpressão, mas também um produto a ser consumido.

Ao longo dessa construção, buscarei desenvolver uma reflexão crítica sobre a relação entre o “eu encenado” e o “eu autêntico”, observando como essa interação molda as percepções contemporâneas acerca de intimidade e identidade no cenário digital. Ao final, espera-se que este estudo contribua para uma compreensão mais profunda e complexa de como as novas tecnologias e plataformas digitais estão moldando as percepções de intimidade e identidade, oferecendo uma visão crítica e reflexiva sobre esses fenômenos.

2. CONCEITUANDO a intimidade

Ao imergir em *O Show do Eu: A Intimidade como Espetáculo* (2016), acompanhamos Paula Sibilia em uma investigação detalhada sobre a transformação da subjetividade no contexto da era digital. Ela examina como as tecnologias modernas de comunicação e informação, em tempos de hiperconectividade, facilitam a construção de identidades baseadas na exposição pública e no compartilhamento constante de experiências íntimas, sendo esta uma prática fundamentalmente complexa, não apenas um reflexo instintivo do ego.

A autora dialoga com a clássica obra de Guy Debord, *A Sociedade do Espetáculo* (1967), explorando mudanças históricas que moldam essas práticas e as subjetividades dos indivíduos envolvidos, além de revisitar marcos pontuais como diários íntimos e correspondências, incorporando a psicanálise para construir uma genealogia do fenômeno contemporâneo. Não apenas se utilizando de artifícios para atualizar e agregar suas próprias reflexões, mas também expandindo-as ao considerar as transformações ocorridas dos séculos XX e XXI, períodos estes que foram marcados pela intensificação da espetacularização das esferas pessoais e íntimas.

Seu argumento central baseia-se na noção de que a vida privada, que outrora era resguardada pela barreira do íntimo, agora se dissolve nas múltiplas formas de exibição pública, orquestradas pelo desejo incessante de visibilidade e validação. A internet, particularmente através das redes sociais, transforma o "eu" em um espetáculo contínuo, onde a exposição não apenas acontece, mas se torna a própria razão de existir das plataformas e de seus usuários. No contexto atual, plataformas como Instagram, Facebook e Twitter tornam-se palcos privilegiados para esta forma de promoção de uma autobiografia digital, instantânea e multimídia.

A narrativa tem início com a invenção do e-mail por Ray Tomlinson em 1971, um marco que, embora não tenha surgido com intenções comerciais, resultou em uma transformação profunda na comunicação digital. Com o passar dos anos, a expansão dos e-mails, a prevalência de mensagens indesejadas, redes sociais e diversas outras formas de interação online converteu a desconexão em um tipo de isolamento contemporâneo. Utilizando esse evento como ponto de partida, o estudo de Sibilia analisa a evolução do ciberespaço e suas consequências nas formas de subjetividade e sociabilidade. A pesquisa dedica atenção às ferramentas de comunicação digital, examinando como elas moldam novas maneiras de existir e se relacionar no mundo.

Blogs, redes sociais e outras plataformas digitais emergiram como cenários onde a vida cotidiana é narrada em tempo real, e a construção de identidades se torna o elemento central dessas interações.

Juntamente com Lígia Diogo no artigo *Vitrines da Intimidade na Internet* (2011), Sibília expande a discussão sobre a exibição da intimidade no ambiente digital, explorando como as plataformas transformaram o que antes era pessoal e reservado em algo feito para ser exibido. As autoras sugerem que as imagens e narrativas pessoais nas redes sociais não têm mais o propósito de serem guardadas como memórias privadas, mas sim de serem exibidas como provas de nossa existência e experiências.

A autora observa e explora a escrita de si mesmo na era digital, investigando como os indivíduos se envolvem na criação de narrativas autobiográficas através dessas várias plataformas online. Ao desenvolver esses novos "diários públicos" que são voltados para o outro, ela descreve esse fenômeno como "alterdirigido", onde o valor da identidade depende do olhar externo, da aprovação de terceiros. O eu torna-se uma construção pública, dependente da resposta dos espectadores, e o privado, que outrora fundamentava o núcleo da subjetividade, dilui-se em práticas de auto exposição incessante.

Doriane Braga, ao utilizar o conceito de "estruturação" de Anthony Giddens em *Transformação da Intimidade* (2012) pra falar da transformação da intimidade, aborda como as relações íntimas e as identidades de homens e mulheres são continuamente moldadas pela reflexividade moderna. Giddens sustenta que, na contemporaneidade, as relações íntimas são fundamentadas em escolhas e em uma constante reavaliação de papéis (BILAC, 2012). Sibília aprofunda esse debate ao sugerir que essa auto exposição digital é um resposta desse processo de reflexividade, no qual o "eu" é continuamente moldado por esses olhares de si e de outros (SIBILIA, 2006). O estudo de Sibília é notável por sua capacidade de alternar entre análises micro e macro, oferecendo uma visão articulada e coerente do impacto do digital na subjetividade. Ainda que o conjunto da obra foque nessa dimensão do "eu" na internet, é muito amplo e rico ao percorrer um caminho que vai desde a privacidade e visibilidade até a instantaneidade e o culto à personalidade.

Contudo, apesar dessas nuances e ramificações, a questão central no argumento de Sibília reside na ideia de que a intimidade, ao ser espetacularizada, perde seu caráter original e se converte em mercadoria. O desejo de autopromoção

e validação externa impulsiona os indivíduos a expor suas vidas como conteúdo a ser consumido. Esse fenômeno, que atravessa várias esferas da vida moderna, vai além da simples exibição de aspectos banais do cotidiano, como o compartilhamento de refeições ou de atividades sociais. Trata-se de uma transformação mais profunda, onde até os aspectos mais íntimos e pessoais, como emoções, relações e sentimentos, são exibidos e negociados no mercado digital. Basicamente, observamos a mescla do individualismo e disciplinamentos rígidos em processos de visibilidade onde todos parecem ser especiais de alguma forma.

Esse processo de exposição incessante reconfigura o conceito de interioridade. O "eu" visível, como descrito por Sibilia, não se sustenta mais em uma noção estável de subjetividade, mas em uma performance constante que deve ser ajustada e renovada. No livro, a autora argumenta que estamos vivendo o "eclipse da interioridade", em que o profundo, o introspectivo, perde espaço para o imediato, o fugaz e o espetacular. O que antes era protegido pela intimidade, agora é exibido com a finalidade de acumular capital social, simbolizado pelas curtidas, compartilhamentos e comentários recebidos. A mercantilização da intimidade transforma a vida pessoal em conteúdo rentável, enquanto redefine as fronteiras entre o público e o privado.

Ao abordar essas novas fronteiras em seu artigo sobre o público e privado, Aline Maria destaca como a internet dissolveu as antigas distinções entre essas esferas, argumentando que a internet não apenas facilita a exposição da intimidade, mas também redefine os conceitos de privacidade e autocontrole (ROCHA, 2012). Sibilia, por sua vez, complementa essa análise ao explorar como o ambiente digital incentiva uma espetacularização da vida pessoal, na qual a exposição não é uma escolha meramente individual, mas sim uma resposta às expectativas sociais amplamente divulgadas (SIBILIA, 2006). A convergência entre as duas autoras ocorre na percepção de que a exposição de si não é mais opcional, mas se tornou uma norma cultural contemporânea, criando uma tensão constante entre o que deve ser mostrado e o que permanece privado.

A análise de Sibilia percorre também outros diversos aspectos do comportamento humano no ambiente digital, considerando desde a necessidade de exposição e validação do outro até a transformação das relações interpessoais mediadas pela tecnologia. Sibilia aborda como a identidade, antes um conceito mais estático e introspectivo, se torna fluida e constantemente renegociada na internet. Este fenômeno é exemplificado pela maneira como os indivíduos criam e recriam suas

personas online, muitas vezes moldadas por expectativas externas e a busca incessante por aprovação social. A internet então, ao dissolver as fronteiras tradicionais entre essas vertentes, acaba por transformar a intimidade em um objeto de consumo e desempenho, onde a privacidade perde o seu sentido clássico e a identidade de cada indivíduo se adapta às demandas de visibilidade impostas.

A obra também explora a dialética entre o privado e o público, mostrando como as fronteiras entre esses dois domínios se tornam cada vez mais tênues. Sibilia argumenta que a exposição de aspectos íntimos da vida cotidiana nas redes sociais não apenas redefine o conceito de privacidade, mas também transforma a intimidade em um espetáculo consumível. Esta dinâmica é exemplificada pelas práticas comuns de compartilhamento de momentos pessoais em plataformas digitais, onde o valor da experiência parece ser medido pelo número de curtidas e comentários recebidos.

A busca incessante por validação através de "likes" e a criação de rotinas de postagem nas redes sociais, por exemplo demonstram a internalização de práticas que favorecem o culto à imagem. O gerenciamento dessas exposições, incluindo a criação de contas falsas e o uso de aplicativos para aumentar a popularidade, reflete uma preocupação com a repercussão que vai além da simples partilha de experiências autênticas.

Sibilia nos faz refletir sobre como a vida cotidiana, ao se tornar espetáculo, deve ser estilizada. A ideia de que cada um de nós deve se comportar como o protagonista de sua própria narrativa cinematográfica é um dos pontos centrais do livro. Esse processo de estetização da vida, segundo a autora, não ocorre de maneira orgânica, mas é induzido pelas regras da sociedade de consumo e pelo desejo incessante de visibilidade. A vida se torna um projeto artístico, onde cada movimento, cada palavra e cada ação são potencialmente parte de uma narrativa midiática. Para isso, a personalidade se transforma em uma obra de arte pública, que deve atrair a atenção e a aprovação de seu público, seja ele composto de amigos, desconhecidos ou seguidores nas redes sociais.

Ela defende que o fenômeno da autoexposição digital não se limita a uma moda passageira, mas representa uma mudança profunda na forma como os indivíduos percebem e vivenciam suas identidades. Tal transformação possui impactos duradouros nas estruturas sociais, influenciando as interações interpessoais e a forma como o trabalho e o lazer são organizados. A autora destaca uma mudança fundamental na maneira como os indivíduos compreendem e constroem suas

identidades, que agora é mediada por plataformas digitais que promovem uma exibição constante e pública do eu.

Uma contribuição significativa de Sibilia para o estudo da subjetividade é a introdução do conceito de "extimidade", que simboliza a fusão entre o íntimo e o exterior. Para ela, a intimidade deixou de ser uma esfera estritamente pessoal, passando a ser algo que é continuamente moldado para o olhar do outro. Essa alteração é crucial para entender as subjetividades na contemporaneidade.

Além disso, a obra ressalta a tensão entre autenticidade e performance nas redes sociais. Sibilia observa que, enquanto os indivíduos procuram expressar autenticidade em suas representações digitais, eles também estão cientes do público que observa, o que os leva a ajustar suas postagens para satisfazer expectativas externas. Esse processo de curadoria da própria imagem cria um ciclo incessante de produção e consumo de identidade, onde cada gesto, fotografia e comentário se tornam atos de autoapresentação deliberadamente elaborados.

Essa estetização está intimamente ligada ao que Sibilia chama de "ficcionalização do eu". Ao compartilhar aspectos de suas vidas nessas redes, os indivíduos não estão simplesmente expondo quem são, mas fabricando versões estilizadas e idealizadas de si mesmos. Essa curadoria da própria imagem envolve um processo contínuo de ajuste e reinterpretação, onde a autenticidade é frequentemente sacrificada em prol de uma apresentação mais atraente e "vendável". Dessa forma, a performance torna-se uma prática diária, e o "eu" se torna um personagem moldado para agradar e entreter o público.

Esse é um dos pontos mais perspicazes do livro, a análise de como as fronteiras entre o público e o privado se tornaram fluidas e permeáveis. No contexto da hiperconectividade digital, essas esferas não apenas se confundem, mas se fundem, criando uma nova forma de existir. O eu público invade e suprime o privado, tornando qualquer aspecto da vida passível de exibição e consumo. O que era reservado para o espaço íntimo, protegido por chaves, paredes e pudores, agora se encontra disponível para qualquer um que esteja conectado à rede.

Sibilia invoca o conceito de "espetáculo" formulado por Guy Debord para demonstrar como a rotina cotidiana se transforma em uma apresentação pública. A noção de que "todos são únicos" é paradoxalmente entrelaçada com a ideia de que a visibilidade se tornou uma condição essencial para a validação social. Nesse contexto, as redes sociais funcionam como palcos onde as identidades são exibidas e

continuamente reconfiguradas. Esse fenômeno gera uma cultura de vigilância recíproca, na qual os indivíduos não apenas se tornam observados, mas também se posicionam como observadores ativos dos demais. A busca incessante por reconhecimento e validação pode levar à sensação de isolamento e solidão.

A autora salienta que, apesar da aparente conexão proporcionada pelas plataformas sociais, a qualidade das interações humanas pode ser comprometida. A superficialidade das relações mediadas por tecnologia frequentemente substitui a profundidade das conexões interpessoais tradicionais. Além disso, Sibilia sugere que essa transformação não ocorre sem profundas consequências para a subjetividade, uma vez que, ao expor sua intimidade de maneira constante, os indivíduos não apenas revelam mais de si, mas também redefinem sua relação com o que significa ser uma pessoa privada.

O espetáculo da intimidade acaba por transformar o indivíduo em um objeto de visualização e consumo, e as repercussões disso se manifestam tanto no plano psicológico quanto no social. A pressão para manter uma presença ativa e atraente nas redes sociais resulta em um novo tipo de consequência: a solidão do "eu", que se vê na obrigação de estar sempre em cena, sem jamais ter a oportunidade de descansar ou se retrair para um espaço de privacidade.

A *História da Sexualidade* (1976) fornece um direcionamento preciso na obra de Michel Foucault, abordando como o poder se infiltra em todas essas esferas da vida, incluindo o da intimidade. Foucault defende que essa esfera em específico, atrelada também a sexualidade, é nada mais que uma construção social, moldada por dispositivos de controle que regulam a conduta dos indivíduos (ALMEIDA, 2021). Sibilia, por sua vez, adota esse conceito ao examinar como as plataformas digitais operam como novos mecanismos de controle, onde a exposição pessoal é incentivada por algoritmos e padrões de interação (SIBILIA, 2006). A autora ainda vai além, indicando que essa intimidação, ao ser tornada pública, reforça uma nova forma de conduta: a autovigilância.

Para Sibilia, assim como Foucault via o poder não como algo exclusivamente repressivo, mas também produtivo, o ambiente digital produz novas formas de subjetividade e controle que os indivíduos internalizam. A autovigilância, nesse sentido, se manifesta na necessidade de manter uma presença digital constante e de gerenciar a própria imagem de acordo com as expectativas externas. A tecnologia, como Foucault sugere em suas análises sobre biopolítica, torna-se um meio de

governar a vida, e Sibilia atualiza esse conceito ao mostrar como essas plataformas regulam o "eu" e a intimidade, transformando-os em produtos de consumo e mercadorias de valor subjetivo (ALMEIDA, 2021).

Por um lado, as redes sociais prometem a democratização da visibilidade, permitindo que qualquer um possa se tornar uma "celebridade" dentro de seu próprio círculo de influência. No entanto, essa promessa de visibilidade vem acompanhada de uma vigilância constante, onde o sujeito está sempre sendo observado e avaliado. O ciclo incessante de exposição e vigilância cria um paradoxo: ao mesmo tempo em que os indivíduos buscam autenticidade e reconhecimento, eles se veem presos em uma dinâmica de autossupervisão e autocensura, onde a performance constante substitui qualquer possibilidade de genuinidade.

Assim como Foucault propôs que a sociedade disciplinar produzisse corpos dóceis (ALMEIDA, 2021), Sibilia argumenta que a era digital produz subjetividades adaptadas à exigência de visibilidade (SIBILIA, 2006). Portanto, a análise de Sibilia sobre a intimidade digital pode ser vista como uma continuação da crítica foucaultiana, adaptada ao contexto contemporâneo de controle e vigília digital. Nesse contexto digital, a necessidade de exposição contínua e a busca incessante por validação transformam a intimidade em um ambiente regulado, onde o usuário se torna ao mesmo tempo objeto e sujeito de sua própria vigilância.

Ainda nesse panorama, outro aspecto significativo abordado por Sibilia é a mercantilização da intimidade. A autora destaca como as plataformas digitais convertem a privacidade em um bem comercial, onde cada detalhe da vida pessoal pode ser monetizado. Desde influenciadores que monetizam suas vivências cotidianas até empresas que utilizam dados pessoais para fins publicitários, a intimidade se transforma em uma forma de moeda no ambiente digital. Esse fenômeno não apenas reconfigura a concepção de privacidade, mas também suscita dilemas éticos acerca da utilização e da manipulação de informações pessoais.

Com base nas teorias de Guy Debord, Sibilia explora essa tensão entre autenticidade e performance. A subjetividade moderna, argumenta ela, está presa em um ciclo de criação e consumo de identidades, onde o valor de uma pessoa é medido pela atenção que ela pode atrair. A intimidade, transformada em mercadoria, é vendida em troca de capital simbólico, seja na forma de curtidas, seguidores, notoriedade, ou mesmo um valor monetário. Esse processo acaba por corroer a

própria essência do que significa ser autêntico, uma vez que cada ação, cada emoção e cada momento é potencialmente transformado em conteúdo a ser consumido.

Enquanto a autobiografia convencional representava uma via de introspecção e autoavaliação, a autoescrita no ambiente digital adota traços mais imediatos e performáticos. As plataformas de redes sociais promovem uma narrativa incessante e fragmentada da rotina, onde o significado da experiência é muitas vezes avaliado pela reação imediata do público. Esse estilo de escrita online não só espelha, mas também influencia a forma como as pessoas vivenciam e interpretam suas próprias existências.

Relatar a própria vida na internet não é uma novidade, mas uma continuidade de uma tradição que inclui diários íntimos e autobiografias presentes em blogs. No entanto, as novas formas de escrita de si possuem peculiaridades, especialmente no que diz respeito à relação entre verdade e ficção. Muitas vezes, os relatos nas redes são ficções disfarçadas de realidade, uma ambiguidade que remete ao "pacto de leitura" proposto por Phelippe Lejeune (1975), onde leitor, autor e personagem parecem ser a mesma pessoa. Essas condutas estão enraizadas em um anseio pela "realidade ficcionalizada", onde a distinção entre o real e o imaginário se torna cada vez mais difusa. Assim, esse processo resulta em uma perspectiva imagética onde o "parecer" sobrepõe-se ao "ser" e ao "ter".

A autora critica a superficialidade que pode emergir dessas práticas digitais, sugerindo que a profundidade e a complexidade da experiência humana são frequentemente sacrificadas em favor de uma apresentação simplificada e consumível. No entanto, Sibilia reconhece que essas novas formas de escrita também oferecem oportunidades para a expressão criativa e a auto exploração, destacando a ambiguidade e a multifacetada natureza do meio digital. Diante disso, apesar da evidente diluição das fronteiras entre o público e o privado nesse âmbito, a qual transforma a subjetividade em uma mercadoria, Sibilia sugere que os escritos na web, sejam eles verdadeiros ou fictícios, desempenham um papel crucial na construção dessa perspectiva distinta de subjetividade.

Entretanto, apesar de vivermos em um mundo hiperconectado, onde as interações estão a apenas um clique de distância, a autora sugere que essa conectividade não necessariamente se traduz em conexões profundas. Pelo contrário, as redes sociais promovem uma forma de relacionamento que é, muitas vezes, superficial e transacional, onde a validação e a aprovação substituem a empatia e a

intimidade genuína. O resultado é um ciclo complexo de relacionamento onde os indivíduos estão cercados por "amigos" e "seguidores", mas carecem de vínculos realmente profundos e significativos.

Em *O Declínio do Homem Público* (2014), Richard Sennett defende que a intimidade se converteu em um abrigo para indivíduos que enfrentam a erosão das esferas públicas e a fragilização das instituições comunitárias (BIRO, 2019). Sennett descreve um panorama onde a vida pública se torna cada vez mais fragmentada e superficial, levando as pessoas a buscarem profundidade e segurança em seus ambientes privados. Essa inclinação em direção à intimidade, para ele, é uma resposta à percepção de uma carência de espaços significativos para o debate e a ação coletiva. Assim, a intimidade emerge como um espaço em que os indivíduos tentam reaver um sentimento de autenticidade e conexão verdadeira que sentem ausente nas interações públicas.

Na lógica das redes sociais, o sujeito deve estar sempre presente, sempre produzindo conteúdo e sempre participando do espetáculo da vida digital. A ausência, seja ela física ou emocional, torna-se um risco, pois pode significar a perda de relevância. Nesse cenário, a solidão mencionada antes não é apenas uma condição psicológica, mas uma consequência direta do espetáculo da intimidade, onde a performance constante impede a possibilidade de retirada e reflexão sobre. Seguindo essa linha de raciocínio, Sibilia oferece uma visão reinterpretada, na qual a exposição constante de aspectos pessoais nas plataformas digitais gera uma concepção de intimidade que é simultaneamente pública e privada (SIBILIA, 2006). Assim, não são mais apenas sobre espaços reservados para o desenvolvimento pessoal e a conexão profunda, mas também sobre a gestão da identidade pública e a construção de uma presença online que seja estrategicamente pensada e projetada.

Ao trazer o *OnlyFans* para essa análise, por exemplo, observamos que os criadores de conteúdo estão constantemente envolvidos em performances cuidadosamente elaboradas. Eles desenvolvem uma representação de si mesmos que é meticulosamente construída para atrair e reter assinantes. Essa representação envolve uma constante negociação entre autenticidade e as expectativas dos seguidores, algo semelhante ao que Sibilia descreve como a formação de identidades voltadas para o público. Enquanto o declínio do espaço público pode levar a uma valorização do privado enquanto oportunidade narrativa, a era digital redefine a intimidade como uma performance pública.

A plataforma em questão é um espaço onde a intimidade, que tradicionalmente pertenceria ao domínio privado, é deliberadamente exposta e comercializada. Isso levanta questões sobre como a noção de privacidade é redefinida e como a intimidade se torna uma mercadoria no ambiente digital. Nesse contexto, a busca por autenticidade no *OnlyFans* se entrelaça com a necessidade de validação social e também financeira. Os criadores de conteúdo podem sentir a pressão de atender às expectativas de seus assinantes, muitas vezes moldando suas apresentações para maximizar o engajamento e a renda, refletindo o ciclo de produção e consumo de identidade descrito por Sibilia.

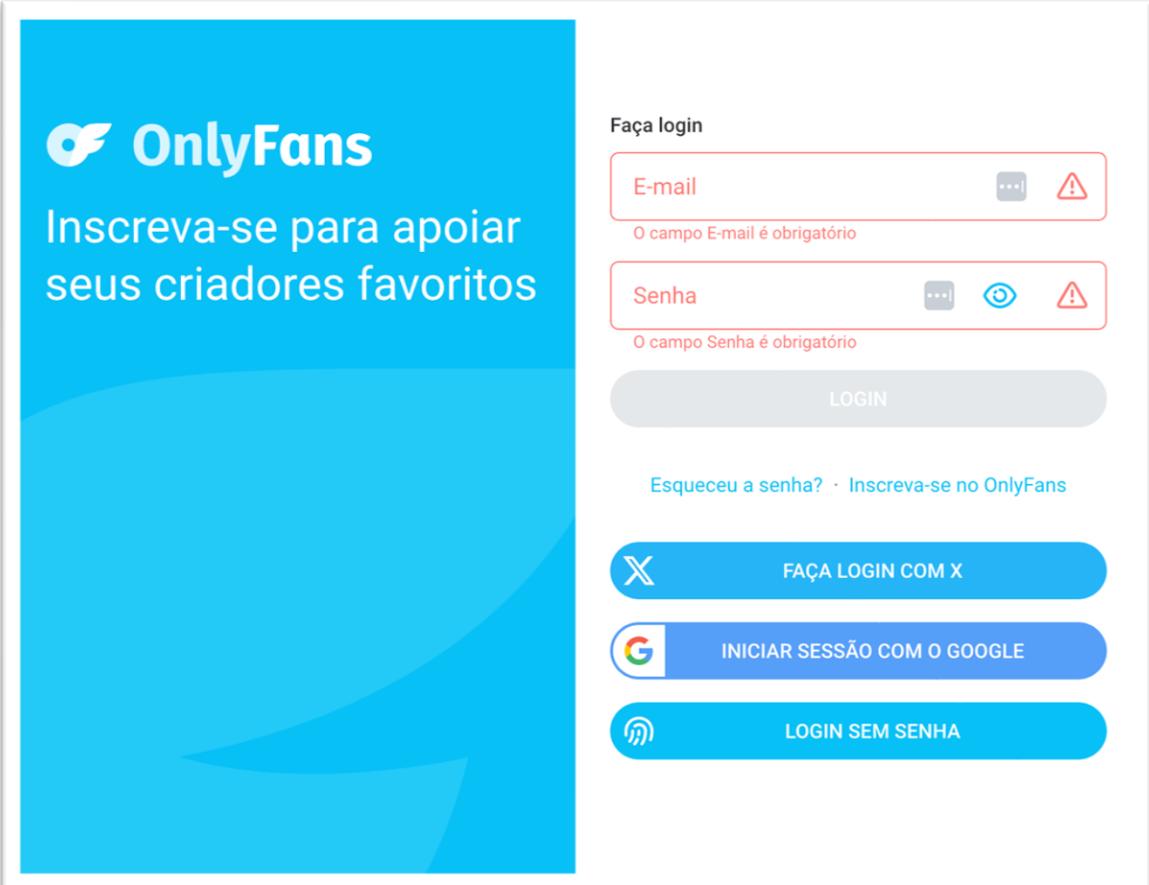
Sibilia e Diogo observam que, na era digital, a natureza da intimidade mudou radicalmente. Antes, as imagens pessoais e as memórias eram armazenadas em álbuns de fotografias ou em diários, acessíveis apenas a quem fosse convidado a vê-las. Não que isso tenha mudado tanto assim, mas hoje, esses convites são acompanhados de taxas que precificam a sua essência. Imagens que outrora eram privadas agora são projetadas em plataformas globais para uma audiência ampla e muitas vezes desconhecida. A intimidade, portanto, é reinterpretada como algo que deve ser compartilhado, validado e até mesmo "curtido" para ter valor, se tornando um produto de consumo social, cuidadosamente curado para promover uma imagem idealizada do eu (DIOGO; SIBILIA, 2011).

Nesse caso, a identidade dos indivíduos está em constante renegociação, pois a plataforma permite que os usuários explorem diferentes aspectos de suas personalidades, muitas vezes desafiando as normas sociais tradicionais em relação à sexualidade e à intimidade. Portanto, o *OnlyFans* exemplifica de uma forma prática e moderna a mercantilização da intimidade discutida por Sibilia, onde a troca de conteúdos pessoais por compensação financeira desafia a noção de que a intimidade deve ser exclusivamente pessoal e inalienável. Além disso, a plataforma transforma as relações interpessoais ao mediar interações através de transações financeiras, alterando a dinâmica tradicional de conexão entre indivíduos, reconfigurando assim o que significa ser íntimo.

3. APRESENTANDO a plataforma do *OnlyFans*

O *OnlyFans* é uma plataforma digital que teve sua origem em Londres no ano de 2016. Ela se diferencia de outras redes sociais pelo seu modelo exclusivo de monetização. Em vez de depender de publicidade para financiar o conteúdo, o *OnlyFans* adota um sistema de assinatura, permitindo que os criadores recebam diretamente pelos acessos aos seus perfis. Os usuários podem escolher entre diferentes opções de assinatura, que incluem períodos de um mês, três meses, seis meses ou um ano. Este formato possibilita uma relação financeira direta entre os criadores e seus seguidores, permitindo uma compensação mais imediata e personalizada pelo conteúdo compartilhado.

Figura 1 – Plataforma de login do *OnlyFans*



Faça login

E-mail

O campo E-mail é obrigatório

Senha

O campo Senha é obrigatório

LOGIN

Esqueceu a senha? · Inscreva-se no OnlyFans

FAÇA LOGIN COM X

INICIAR SESSÃO COM O GOOGLE

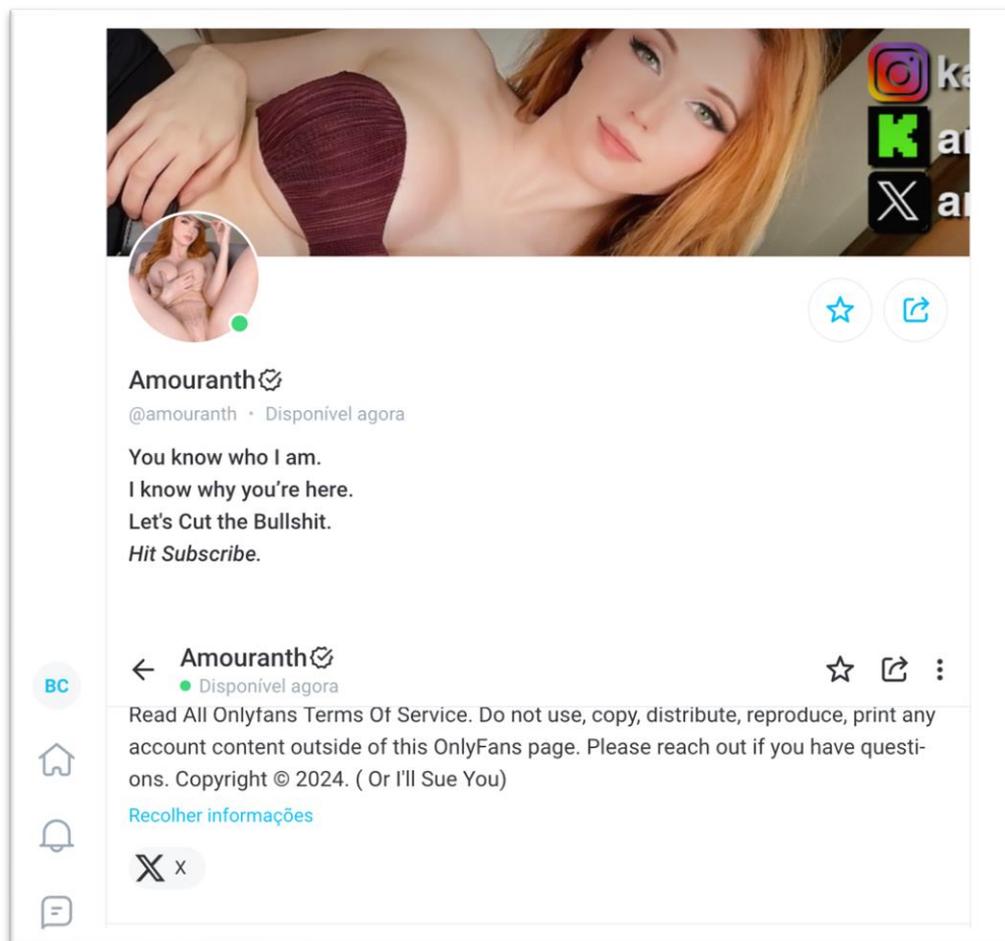
LOGIN SEM SENHA

Fonte: Página Oficial do *OnlyFans* – Site: <https://OnlyFans.com>

Após efetuar a assinatura, o usuário ganha acesso a uma ampla gama de conteúdos oferecidos pelo criador, que incluem imagens, vídeos, gravações de áudio, textos e transmissões ao vivo. Além de poder interagir com esses materiais através de comentários e reações, o assinante também pode obter conteúdos exclusivos e personalizados por meio de mensagens privadas, que podem implicar custos adicionais. A plataforma também disponibiliza um sistema de gorjetas, permitindo aos seguidores contribuir com valores à sua escolha, conforme desejarem.

O *OnlyFans* se destaca das redes sociais convencionais ao permitir a publicação de material adulto, que pode variar de imagens sugestivas a vídeos de caráter explícito. Embora a postagem de tal conteúdo não seja obrigatória, essa característica é um diferencial marcante que atrai uma variedade de usuários, incluindo celebridades, modelos, atores do setor adulto e até trabalhadores do sexo. Esse aspecto contribuiu significativamente para a popularidade global da plataforma.

Figura 2 – Página inicial de Amouranth no *OnlyFans*

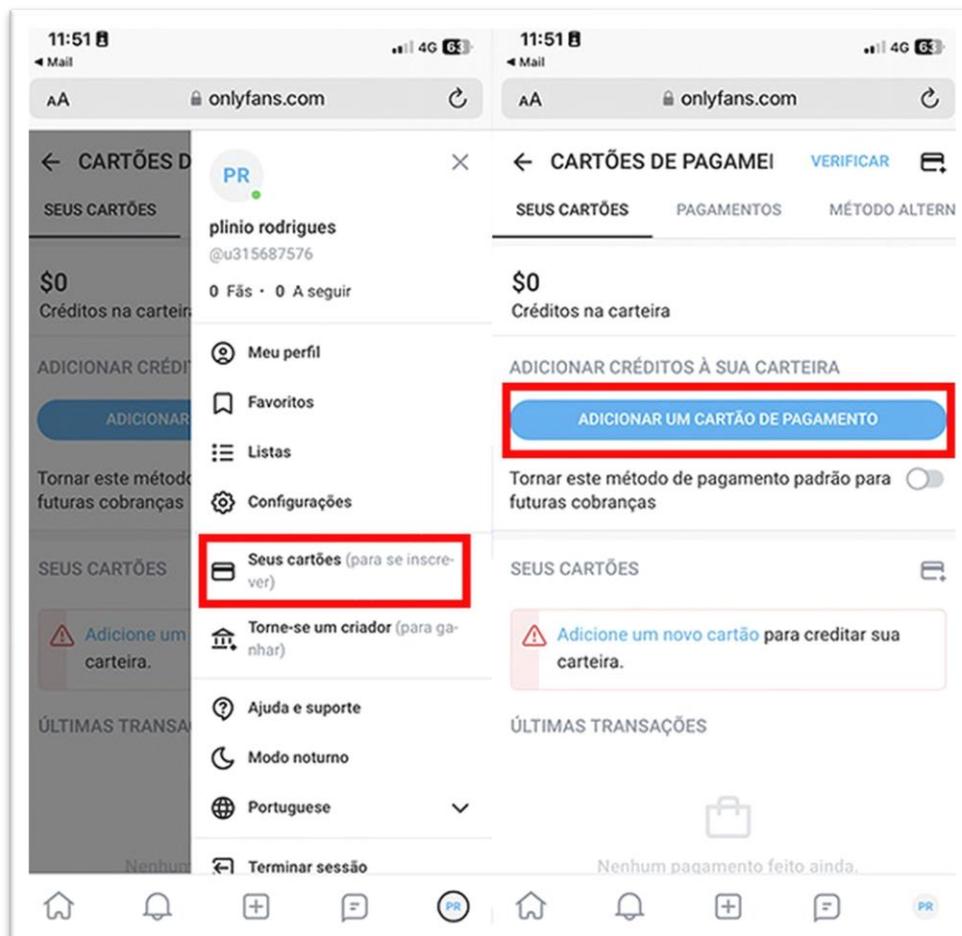


Fonte: Captura de tela de um perfil na plataforma

À luz dos conceitos de intimidade e digitalidade revela como a plataforma altera as relações pessoais e a forma como a interação social é monetizada. Ao examinar o papel do *OnlyFans* nesse cenário, torna-se evidente que a plataforma está reformulando o entendimento de proximidade e a interação entre privacidade e exposição no contexto atual das mídias digitais.

Anthony Giddens argumenta que, na modernidade, as relações íntimas mudaram drasticamente, com a autorrevelação mútua se tornando essencial para a construção das identidades. No *OnlyFans*, essa intimidade compartilhada é mediada por uma troca econômica, o que reflete a tendência contemporânea de monetizar a proximidade e a exposição. O relacionamento íntimo, antes limitado ao domínio privado, é agora uma mercadoria digital acessível a qualquer pessoa disposta a pagar, o que transforma profundamente as dinâmicas de poder e interação em plataformas digitais como essa.

Figura 3 – Adição de método de pagamento para uso na plataforma



Fonte: Plataforma TechTudo (2023)

De acordo com dados fornecidos pela própria plataforma, o *OnlyFans* conta com cerca de 150 milhões de usuários cadastrados. Desses, aproximadamente 1,5 milhão são produtores de conteúdo, que anualmente geram receitas superiores a 5 bilhões de dólares. Para muitos desses criadores, o *OnlyFans* representa sua principal fonte de renda.

Assim como outras redes sociais como Instagram e Twitter, o *OnlyFans* permite aos usuários publicar uma variedade de conteúdos no seu feed, incluindo imagens, vídeos, áudios, textos e transmissões ao vivo. Os assinantes podem interagir com essas postagens por meio de comentários e reações. Além disso, a plataforma oferece a possibilidade de acessar material exclusivo e personalizado através de mensagens privadas, que podem ter custos adicionais. Existe também um sistema de gorjetas, no qual os seguidores têm a opção de enviar quantias de sua escolha como forma de agradecimento ou recompensa.

O modelo de assinatura do *OnlyFans* permite que criadores estabeleçam planos de acesso em períodos mensais, trimestrais, semestrais ou anuais. O processo de registro é similar ao de outras redes sociais: o usuário cria uma conta usando um e-mail ou uma conta do Google ou Twitter. Após o cadastro, o usuário pode optar por consumir ou produzir conteúdo. Para seguir e interagir com perfis de figuras públicas, influenciadores ou conhecidos, é necessário manter uma assinatura ativa. Aqueles que desejam criar conteúdo devem completar etapas adicionais de verificação, como validar uma conta bancária em seu nome e confirmar que são maiores de idade.

Os criadores têm a liberdade de definir tarifas para seus serviços personalizados e podem receber gorjetas de seguidores que desejam pagar por serviços específicos ou apenas como uma forma de contribuição. Dessa maneira, a plataforma funciona como uma comunidade de fãs que é sustentada financeiramente através da interação direta.

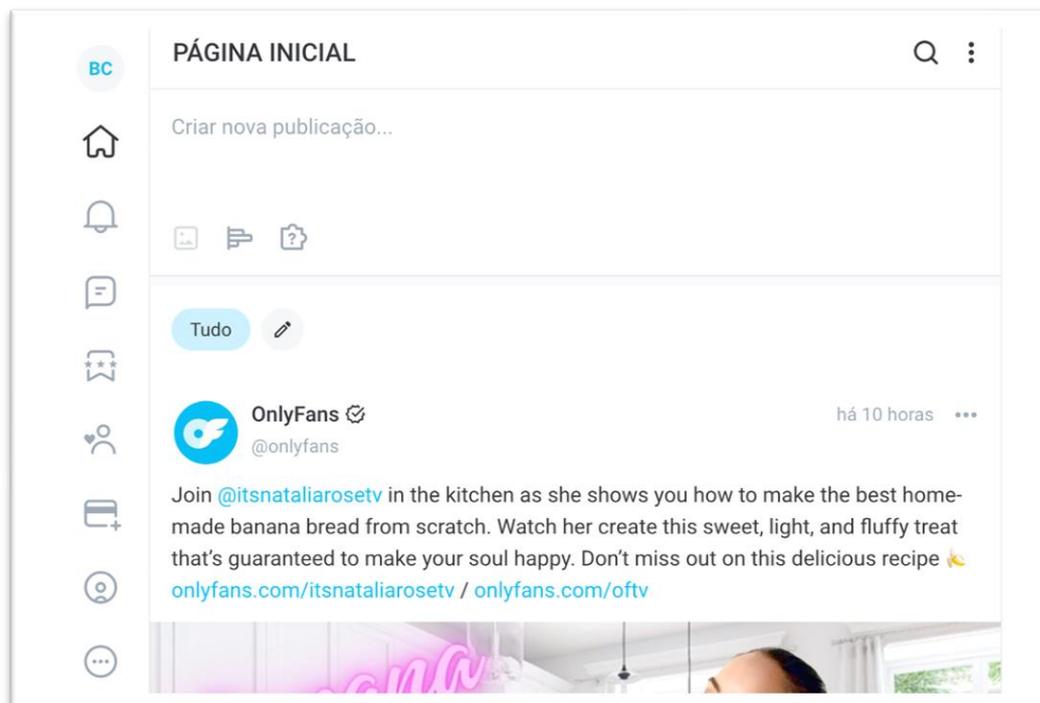
Na crítica trazida em seu livro, Sennett observa que o ambiente moderno erodiu a vida pública e as relações impessoais, deslocando o foco para a vida privada e as emoções pessoais (BIRO, 2019). No *OnlyFans*, essa comercialização da intimidade é, sem dúvida alguma, evidente. Criadores de conteúdo compartilham aspectos íntimos de suas vidas, enquanto os seus seguidores pagam por acesso exclusivo a esses momentos privados, transformando a intimidade em um produto consumível. Sennett sugere que, nessa lógica, o indivíduo se perde em uma busca narcísica pela

satisfação pessoal, o que pode gerar uma sensação constante de insatisfação e vazio emocional, uma consequência direta do que ele conceitua ao abordar essa tirania.

No *OnlyFans*, essa lógica é ainda mais direta: para acessar formas ainda mais pessoais de interação, o usuário deve pagar por isso, e para manter esse engajamento, contribuições contínuas são necessárias. Caso um usuário queira estabelecer uma relação mais próxima com uma celebridade, influenciador ou conhecido que esteja na plataforma ele pode iniciar e manter essa conexão através de pagamentos. A youtuber Priscila Carvalho, por exemplo, compartilha em seus vídeos suas estratégias para promover sua conta e atrair assinantes, enfatizando a importância da visibilidade e da interação na criação e manutenção de uma base de seguidores.

(...) No meu *OnlyFans*, por exemplo a 'estratégia', né? Que eu resolvi, assim usar pra conseguir me divulgar e conseguir assinantes foi atrair um público que já me seguia no Instagram, que já tinha interesse em saber um pouquinho da minha vida, que gostava das fotos que eu postava por lá... Eu já aparecia lá direto em ensaio sensual, enfim. Falei 'cara, esse povo já me segue, eles já comentam o que eu posto, já vão com a minha cara, se eu falar que tô vendendo uns nudes eu acho que pode atrair, né? Todo mundo pra ir lá e pagar.

Figura 4 – Página inicial de uma conta recém-criada



Fonte: Página Oficial do *OnlyFans* – Site: <https://OnlyFans.com>

Para além da simples troca de conteúdo, o *OnlyFans* promove uma espécie de performance de identidade, que ecoa o conceito de Erving Goffman sobre a atuação do "eu" em contextos sociais (ROCHA, 2012). No caso dos criadores de conteúdo, há uma clara separação entre a identidade performática e a identidade real. Isso se alinha com a análise de Giddens sobre a reflexividade da modernidade, na qual o indivíduo precisa continuamente negociar sua identidade em um contexto de exposição pública e consumo.

O uso da plataforma também pode ser visto como uma extensão do que Foucault chamou de "tecnologias do eu" – práticas que permitem ao sujeito moldar sua própria identidade em resposta a normas sociais (ALMEIDA, 2021). No *OnlyFans*, essas práticas estão profundamente enraizadas na criação e venda de uma persona digital, onde a sexualidade se torna uma moeda de troca. Essa performance não apenas redefine as fronteiras entre o público e o privado, mas também contribui para a mercantilização da própria identidade.

Dado que o *OnlyFans* se configura como uma plataforma voltada para uma comunidade de seguidores, a promoção desses perfis é um fator crucial para a formação de novas conexões. Muitos usuários lançam mão de redes sociais como Instagram, Reddit, 4chan, entre outros espaços virtuais, para divulgar seus perfis e ampliar sua visibilidade. Em contraste, indivíduos que já desfrutam de uma alta visibilidade pública podem precisar de menos esforço promocional, devido à sua fama estabelecida.

Esse processo se assemelha a um modelo de funil de marketing, no qual a atração e retenção de seguidores exigem táticas específicas para transformar o interesse inicial em um compromisso contínuo. Os seguidores que se tornam verdadeiramente engajados e comprometidos, frequentemente descritos como "fãs leais", são aqueles que estabelecem uma relação duradoura com o criador de conteúdo. Por exemplo, ao promover sua conta no Instagram, Priscila Carvalho consegue gerar novas conexões pessoais. Esses seguidores estão dispostos a investir financeiramente para obter acesso direto à sua atenção, interagir através de mensagens e desfrutar de conteúdos exclusivos, reforçando assim o vínculo entre criador e público.

O *OnlyFans* é uma plataforma que tem se destacado justamente por permitir a criação e o compartilhamento de conteúdo através de um modelo de assinatura. Este formato de monetização não é exclusivo, mas o que diferencia o *OnlyFans* é a ênfase

na intimidade que os criadores de conteúdo oferecem aos seus assinantes. Em contraste com redes sociais mais amplas como Instagram ou Facebook, onde a interação é geralmente superficial e pública, o *OnlyFans* propõe uma aproximação mais direta e personalizada, possibilitando que os criadores estabeleçam uma relação mais íntima e exclusiva com seus seguidores.

Essa forma de aproximação é uma característica distintiva da era digital, onde a privacidade e a intimidade são negociadas e redefinidas. A monetização da proximidade em plataformas como o *OnlyFans* sugere uma nova forma de construir e manter relações, onde a conexão pessoal é mediada e comercializada. O usuário paga para ter acesso a um nível mais profundo de interação, o que contrasta com a gratuidade e superficialidade comuns em outras redes sociais.

No contexto digital, as fronteiras entre o público e o privado tornam-se cada vez mais nebulosas. Como Sennett observa, o conceito de privacidade foi profundamente alterado na modernidade, e o *OnlyFans* exemplifica essa transformação (BIRO, 2019). O que antes era visto como parte da esfera íntima agora é exposto a um público pagante, e os criadores perdem parte do controle sobre como suas imagens e identidades são consumidas. Isso reflete a tensão entre o desejo de manter uma esfera pessoal e a realidade da exposição digital constante, onde o conteúdo destinado a um grupo restrito de assinantes pode facilmente ser vazado ou compartilhado em outras plataformas.

A reflexão de Giddens sobre a transformação da intimidade também é aplicável aqui, pois o acesso ao conteúdo íntimo não é mais determinado por relações pessoais, mas por transações financeiras (BILAC, 2012). Isso redefine a noção de proximidade e desafia as convenções tradicionais de privacidade, à medida que a monetização da intimidade cria uma nova dinâmica de controle e exposição.

O modelo de assinatura do *OnlyFans*, por exemplo, cria uma barreira de entrada que define o valor da intimidade na era digital. Ao permitir que os criadores definam preços para diferentes níveis de acesso e interações, a plataforma transforma a proximidade em um produto de mercado. Essa abordagem também introduz uma dinâmica de exclusividade, onde o acesso a certos tipos de conteúdo ou interações é reservado para aqueles dispostos a pagar mais. Isso pode ser visto como uma extensão das práticas de consumo que envolvem uma forma de status social baseado em acesso privilegiado.

Contudo, essa monetização da intimidade no *OnlyFans* tem implicações significativas tanto para os criadores, quanto para os consumidores, no que diz respeito ao bem-estar psicológico desses indivíduos. Para os criadores, a necessidade de manter uma imagem pública e a pressão para produzir conteúdo íntimo exclusivo, de maneira constante, pode comprometer sua autenticidade e aumentar os níveis de estresse. O fato de a proximidade ser comercializada pode resultar em um desgaste emocional, já que o "eu" performático frequentemente é pressionado a atender às expectativas dos seguidores, refletindo um ambiente que é comprometido pela necessidade de engajamento e satisfação de quem consome. Para os assinantes, a ilusão de uma proximidade pessoal, gerada pelo acesso a interações personalizadas, cria uma falsa sensação de conexão, o que pode levar a confusões sobre o que é uma relação genuína e o que é puramente transacional.

O *OnlyFans* altera profundamente o que entendemos enquanto economia neste cenário. Em vez de os relacionamentos serem baseados na reciprocidade emocional, como Giddens aponta, eles são frequentemente mediados por pagamentos e transações financeiras. Isso cria um "relacionamento puro" – termo utilizado por Giddens para descrever um vínculo baseado unicamente nas satisfações obtidas pela relação. No *OnlyFans*, esse relacionamento é construído sobre a ideia de exclusividade, onde o seguidor paga por um acesso mais próximo ao criador, sem qualquer expectativa de reciprocidade emocional genuína.

O conceito de privacidade também é reconfigurado no contexto do *OnlyFans*. Embora a plataforma ofereça um nível de controle sobre quem pode acessar o conteúdo, a própria natureza da interação digital pode levar a uma exposição não intencional. A linha entre o público e o privado torna-se nebulosa, pois o que é destinado a um grupo restrito de assinantes pode eventualmente ser compartilhado ou vazado. Isso destaca a tensão entre o desejo de manter uma esfera pessoal e a realidade da exposição digital constante.

O *OnlyFans* também fomenta a criação de comunidades em torno de interesses e preferências específicas. Criadores e assinantes formam grupos de seguidores que compartilham interesses comuns e interagem regularmente. Esse tipo de comunidade digital permite um engajamento mais profundo e personalizado, algo que é mais difícil de alcançar em plataformas sociais mais generalistas. Essa construção de comunidades em plataformas digitais reflete as mudanças nas relações sociais que Giddens e outros autores discutem, onde as interações digitais oferecem um novo tipo

de intimidade. Todavia, essa nova intimidade é permeada pela lógica comercial, que molda as expectativas e os comportamentos tanto dos criadores quanto dos consumidores. Sendo assim, a construção e a manutenção dessas comunidades se tornam uma parte central da estratégia de sucesso dentro da plataforma.

Em consonância com as reflexões de Giddens, as mulheres desempenham um papel fundamental na transformação dessas dinâmicas. Muitas criadoras de conteúdo no *OnlyFans* encontram na plataforma uma forma de subverter as normas tradicionais de gênero e assumir o controle de sua sexualidade e autonomia econômica. Esse empoderamento, entretanto, vem com o custo da mercantilização da própria identidade e da intimidade, criando uma tensão constante entre autenticidade e performance (BILAC, 2012).

Como Foucault também destaca, o discurso sexual na sociedade ocidental moderna foi transformado em um instrumento que define a individualidade e a verdade sobre o sujeito (ALMEIDA, 2021). No *OnlyFans*, o corpo e a sexualidade tornam-se objetos de consumo, reforçando o papel do sexo como uma prática central na construção de identidades modernas. Essa plataforma exemplifica o que Foucault chamou de "biopolítica", onde o controle e a administração do corpo e da sexualidade são centralizados nas relações de poder.

Ao permitir que a proximidade seja monetizada e personalizável, o *OnlyFans* reconfigura a maneira como as pessoas interagem e se conectam no ambiente digital, refletindo nessa transformação que destaca tanto as oportunidades quanto os desafios que surgem com a fusão da interação pessoal e comercial. Como Sennett sugere, essas dinâmicas redefinem as fronteiras entre o público e o privado (BIRO, 2019), enquanto Giddens enfatiza a importância das relações íntimas na construção de identidades reflexivas na modernidade (BILAC, 2012). No final, o *OnlyFans* é apenas o reflexo de um panorama mais amplo de como as redes sociais operam nesse processo, servindo como um exemplo mais que claro de como a era digital está moldando novas formas de experiência humana, interação social e monetização desses aspectos íntimos, pessoais e identitários.

4. CONHECENDO os perfis propostos

4.1. Rita Cadillac

Rita de Cássia Coutinho, mais conhecida pelo nome artístico Rita Cadillac, nasceu no Rio de Janeiro em 13 de junho de 1954. Ao longo de quase cinco décadas de carreira, ela se consolidou como uma referência de beleza, sensualidade e entretenimento no Brasil. Sua trajetória inclui passagens por diversas áreas do entretenimento, como a televisão, a música, o cinema e até mesmo a indústria pornográfica. Conhecida por seu trabalho como chacrete nos programas de televisão de Chacrinha, Cadillac também ganhou notoriedade ao se tornar a "Madrinha dos Detentos", por realizar shows para prisioneiros em todo o Brasil.

Durante a pandemia de Covid-19, Rita Cadillac recorreu à plataforma *OnlyFans* como uma forma de geração de renda, revelando um novo capítulo em sua carreira e na sua relação com a performance de intimidade e identidade digital. A transição para essa plataforma é emblemática, pois reflete questões sobre o envelhecimento, a mercantilização da intimidade e o papel da identidade performática no cenário digital contemporâneo.

Desde os anos 1970, Rita Cadillac construiu uma identidade artística fortemente associada à sensualidade e à performance corporal. Como uma das chacretes, assistentes de palco dos programas do apresentador Chacrinha, Cadillac simbolizava o auge de uma era televisiva que celebrava a sexualidade feminina em um contexto de cultura de massas. Seu corpo era o principal veículo de expressão artística, uma característica que a acompanharia em toda sua carreira. A atuação como dançarina nesses programas de auditório representava não apenas o entretenimento comum da época, mas também a comercialização da imagem feminina em um contexto de objetificação.

Apesar disso, Cadillac sempre conseguiu manter uma postura de controle sobre sua imagem, entendendo os limites e as possibilidades que a exposição pública oferecia, destacando a força de uma artista que utilizava sua imagem sensual como ferramenta para consolidar sua carreira neste segmento. Essa imagem consolidada fez dela um ícone da TV brasileira, onde sua estética corporal desempenhava um papel central no entretenimento popular da época. Porém, Rita Cadillac foi além da televisão e explorou outras áreas do show business, reforçando sua habilidade em negociar a própria imagem pública em contextos de alta visibilidade.

No decorrer dos anos 1980, Rita explorou a carreira musical e alcançou reconhecimento com sua canção *É Bom para o Moral*, um hit que não apenas reforçou sua popularidade, mas também evidenciou a continuidade da exploração da sensualidade como marca central de sua identidade artística. Nessa fase, ela continuou a navegar pela exposição de seu corpo como objeto de desejo popular, mas agora também sob a roupagem de cantora e performer multifacetada.

A partir dessa construção, Cadillac foi apelidada de "Madrinha dos Detentos", realizando shows em presídios e estabelecendo uma conexão única com um público marginalizado. Esse papel, embora ligado à sua notoriedade como símbolo sexual, também a consolidou como uma figura próxima ao "povo", uma artista que dialogava diretamente com as massas e entendia os diversos contextos sociais de seu público.

Em cada um desses contextos, sua identidade performática era mediada pela demanda do público por sensualidade e por sua capacidade de encenar uma intimidade acessível. Posteriormente, sua breve passagem pela indústria pornográfica também reforçou essa dinâmica de negociação entre a exposição e o controle, onde a intimidade era estrategicamente mercantilizada. Conforme discutido por Sennett, a sociedade moderna vive um processo de privatização da vida, onde as interações públicas são substituídas pela necessidade de autopreservação e isolamento (BIRO, 2019). Rita Cadillac exemplifica como essa dinâmica pode ser subvertida na era digital, ao expor sua intimidade e monetizar sua imagem em plataformas digitais.

A performance de Rita Cadillac sempre esteve associada a um tipo de intimidade mediada pela mídia, que funcionava dentro dos limites da televisão, do palco ou da música. Seu corpo, e tudo o que ele representava em termos de desejo e sedução, estava em constante exposição, mas sempre dentro dos limites estabelecidos pelo entretenimento *mainstream*. Contudo, à medida que o cenário digital se tornou predominante, a lógica da intimidade performática se expandiu, principalmente com a criação de plataformas como *OnlyFans*. Nesse contexto, Cadillac, já consolidada como uma figura da cultura popular brasileira, encontrou um novo espaço para continuar explorando sua imagem e identidade performática.

Durante a pandemia de Covid-19, muitos artistas foram forçados a buscar novas fontes de renda, e Rita Cadillac encontrou no *OnlyFans* uma oportunidade não apenas financeira, mas também de reconfiguração de sua relação com a performance. Em 2021, ingressou na plataforma *OnlyFans*, como resposta direta à estas dificuldades impostas, que inviabilizou a realização de shows e outras atividades

presenciais. A entrada na plataforma, conhecida por permitir a venda de conteúdos exclusivos, muitas vezes explícitos, marca um ponto de transição na relação de Rita com a performance e a exposição, uma vez que o *OnlyFans* oferece um espaço onde a intimidade é diretamente convertida em capital econômico. Cadillac afirmou que a plataforma possibilitou uma nova fonte de renda, mas também trouxe a oportunidade de explorar sua imagem pública e sensual, construída por décadas, em um formato controlado e dirigido por ela mesma.

A transformação da intimidade, conforme argumentado por Giddens, caracteriza a sociedade moderna, onde os papéis de gênero foram reconfigurados (BILAC, 2012). A mulher passou a desempenhar um papel ativo na redefinição das relações de intimidade, e isso é evidente no caso de Rita Cadillac. Desde os tempos de chacrete até sua atuação no segmento pornográfico e, posteriormente, no *OnlyFans*, Cadillac sempre esteve à frente na exploração dos limites da performance sensual.

A plataforma oferece para Cadillac um nível de controle que antes era mediado pelas emissoras de televisão, pela indústria fonográfica ou quaisquer outros meios que se fazia presente, se apresentando também como uma forma de reafirmar sua autonomia na maneira como lida com a exposição de sua imagem. Agora, Rita pode controlar diretamente o que e como compartilha, além de criar uma nova forma de interação com seu público que é mais pessoal e aparentemente íntima, apesar de seguir sendo uma performance cuidadosamente planejada.

A decisão de Cadillac de se juntar ao *OnlyFans* deve ser entendida dentro de um contexto maior, onde celebridades e figuras públicas recorrem a essas plataformas para manterem relevância, ao mesmo tempo em que exploram novas formas de monetizar suas imagens. Como menciona Sibilia em suas discussões sobre a banalização da intimidade, as redes sociais e as plataformas digitais criam uma demanda constante por mais detalhes pessoais, muitas vezes esvaziando o conceito de intimidade (SIBILIA, 2006). Para Rita Cadillac, no entanto, a entrada no *OnlyFans* representou uma reapropriação de sua imagem, agora em um formato onde ela tinha mais controle sobre o conteúdo e sua distribuição.

Porém, esse ingresso na plataforma também traz à tona discussões sobre a separação entre a identidade real e digital, especialmente no contexto da mercantilização da intimidade. Como a própria Sibilia destaca, a intimidade, que antes era um aspecto reservado à vida privada, passou a ser consumida de maneira pública.

Em plataformas como essa, a promessa de uma intimidade "real" é, na verdade, um produto comercial que visa atender às demandas de um público pagante. Assim, mesmo ao vender conteúdos que aparentam revelar um lado mais íntimo e pessoal, a verdade é que o que é compartilhado com seus seguidores é cuidadosamente produzido, seguindo uma lógica mercadológica de oferta e demanda.

No *OnlyFans*, Rita Cadillac não apenas vende conteúdo, mas também constrói narrativas que dialogam com sua identidade construída ao longo dos anos. Ao utilizar fotos e vídeos, Cadillac recria e garante a padronização estética da sensualidade que marcou sua carreira, mas agora com um toque de intimidade digital personalizada. Para o quadro "De Lado com Fefito", integrante do canal de entretenimento Splash da UOL, ela revelou em 2022 que trabalha com uma equipe completa, incluindo fotógrafo, maquiador e produtor, o que mostra o cuidado na construção desses artefatos visuais, reforçando a noção de que mesmo a intimidade exibida é cuidadosamente produzida e performada.

Assim como Giddens sugere, essa forma de intimidade é uma característica da modernidade, onde os relacionamentos se baseiam na transparência e na mutualidade (BILAC, 2012). Rita Cadillac, ao construir sua carreira neste âmbito, agora adota uma forma de "relacionamento puro", no qual as relações são mantidas por conta da satisfação mútua. Ou seja, a intimidade é comercializada, mas a gestão dessa mercantilização é controlada pela própria. Por esse caminho, a relação mencionada está constantemente alimentada pela expectativa de transparência e acesso exclusivo, algo que Cadillac explora em sua interação com os fãs.

Esse nível de produção remete à discussão sobre a autenticidade digital, onde, como argumenta Sibilia, a intimidade se torna um espetáculo, constantemente mediado e moldado por expectativas comerciais (SIBILIA, 2006). No caso de Cadillac, o *OnlyFans* funciona como uma extensão lógica de sua carreira, mas também levanta questões sobre como a intimidade, em sua forma digital, é banalizada. Mesmo sendo uma plataforma que promove a ideia de acesso exclusivo ao conteúdo pessoal de celebridades, o que é exibido é sempre cuidadosamente curado para se alinhar às expectativas de um público pagante.

A escolha de Rita Cadillac por se juntar ao *OnlyFans* vai além da simples necessidade financeira. Embora ela mesma tenha declarado que o principal motivo foi a pandemia, o ingresso em uma plataforma que exige a exposição constante de sua intimidade também reflete as mudanças no mercado de trabalho para artistas de sua

geração. Para figuras como Cadillac, que construíram suas carreiras com base em sua imagem sensual, o *OnlyFans* surge como uma extensão do trabalho que já vinha sendo realizado nas décadas anteriores, agora sob uma nova roupagem tecnológica. No caso dela, o que é vendido como um acesso exclusivo à sua intimidade é, na verdade, uma continuação da mesma estratégia performática que ela utilizou na televisão e no palco, agora adaptada para o ambiente online.

No entanto, essa decisão também dialoga com as expectativas da sociedade contemporânea em relação ao envelhecimento e à sexualidade. Ao permanecer ativa em uma plataforma como o *OnlyFans*, Rita Cadillac desafia as normas tradicionais sobre a sexualidade e o envelhecimento, promovendo a ideia de que a sensualidade pode ser explorada em qualquer idade. Em uma sociedade que muitas vezes desvaloriza a sensualidade feminina após uma certa idade, Cadillac quebra estereótipos ao permanecer ativa em uma plataforma que valoriza a sexualidade e o corpo como objetos de desejo. Embora seja um movimento carregado de uma forte mensagem de empoderamento, infelizmente também está inserido em uma lógica de mercado, onde o corpo e a intimidade continuam a ser mercadorias.

O trabalho de Rita Cadillac no *OnlyFans* pode ser lido como uma estratégia de autoafirmação, onde ela não só controla a exposição de sua intimidade, mas também redefine sua identidade em termos de desejo, envelhecimento e sexualidade. A plataforma digital torna-se uma ferramenta por meio da qual Cadillac explora essas "tecnologias do eu", como elaborou Foucault, moldando um perfil artístico e digital que desafia as normas sociais sobre o corpo feminino e a intimidade na terceira idade. Além disso, acaba por subverter as lógicas de objetificação que antes controlavam sua imagem pública na televisão e no cinema. Ao transformar sua intimidade em capital digital, Cadillac utiliza o poder sobre seu corpo como uma ferramenta de resistência e reapropriação de sua performance, redefinindo as regras.

Ao longo de sua carreira, Cadillac sempre navegou entre os limites da exposição e do controle sobre sua imagem, e sua entrada na plataforma representa uma continuidade dessa dinâmica. Através do *OnlyFans*, ela encontrou uma forma de manter sua relevância, ao mesmo tempo em que reconfigura a relação entre performance corporal e intimidade, agora em um ambiente digital. Contudo, essa exposição também está inserida em uma trivialidade do que é a intimidade, onde o que é apresentado como autêntico é, na verdade, profundamente mediado pela lógica do mercado e da demanda por acesso constante, exemplificando juntamente como o

capitalismo moderno permite que a intimidade se torne parte de uma economia de mercado muito específico e pessoal.

Figura 5 – Página inicial do perfil de Rita Cadillac na plataforma *OnlyFans*

The screenshot displays the profile page for Rita Cadillac on the OnlyFans platform. At the top, there is a large image of her backside. Below the image, the name 'RITA CADILLAC' is displayed with a verified badge, along with statistics: 874 messages, 30 posts, and 49.3K likes. The profile picture shows her face. The bio includes the text 'RAINHA DO BUMBUM', 'BRASILEIRA | CONTEÚDO ADULTO', and 'PARA ACESSAR MAIS CONTEÚDOS' with a link to a privacy page. Below the bio, there is a section for 'ASSINATURA' (Subscription) with a blue button labeled 'ASSINAR' and a price of '\$8 por mês'. Underneath, there is a section for 'PACOTES DE ASSINATURA' (Subscription Packages) with three options: '3 MESES (10off)' for '\$21.60 total', '6 MESES (20off)' for '\$38.40 total', and '12 MESES (30off)' for '\$67.20 total'. A navigation menu is visible on the left side of the screen.

Fonte: Captura de tela

A escolha de Cadillac de se juntar ao *OnlyFans* reflete as complexas relações entre a intimidade, o mercado e o digital na contemporaneidade. Assim como outras figuras públicas, Cadillac adaptou-se às novas plataformas digitais para manter sua relevância, mas sua trajetória também ilustra como essas plataformas estão

intrinsecamente ligadas à mercantilização do corpo e da intimidade. Seu trabalho no *OnlyFans* é uma continuação de sua carreira, onde a intimidade performática é cuidadosamente negociada entre o desejo do público por acesso e o controle da artista sobre sua imagem.

Sua nos ensina sobre os limites entre o público e o privado, a autenticidade e a performance, e como essas fronteiras são cada vez mais fluidas na era digital. Mesmo em plataformas que prometem exclusividade e intimidade, o que é oferecido continua a ser um espetáculo, cuidadosamente moldado para atender a um mercado que está sempre em busca de mais acesso, mais proximidade, e mais "autenticidade" — ainda que essa autenticidade seja sempre uma construção. Com isso, Cadillac permanece como um ícone que continua relevante, navegando entre a tradição e a inovação, o passado e o presente, o real e o performático, em uma carreira marcada pela resiliência e pela capacidade de adaptação às novas realidades midiáticas.

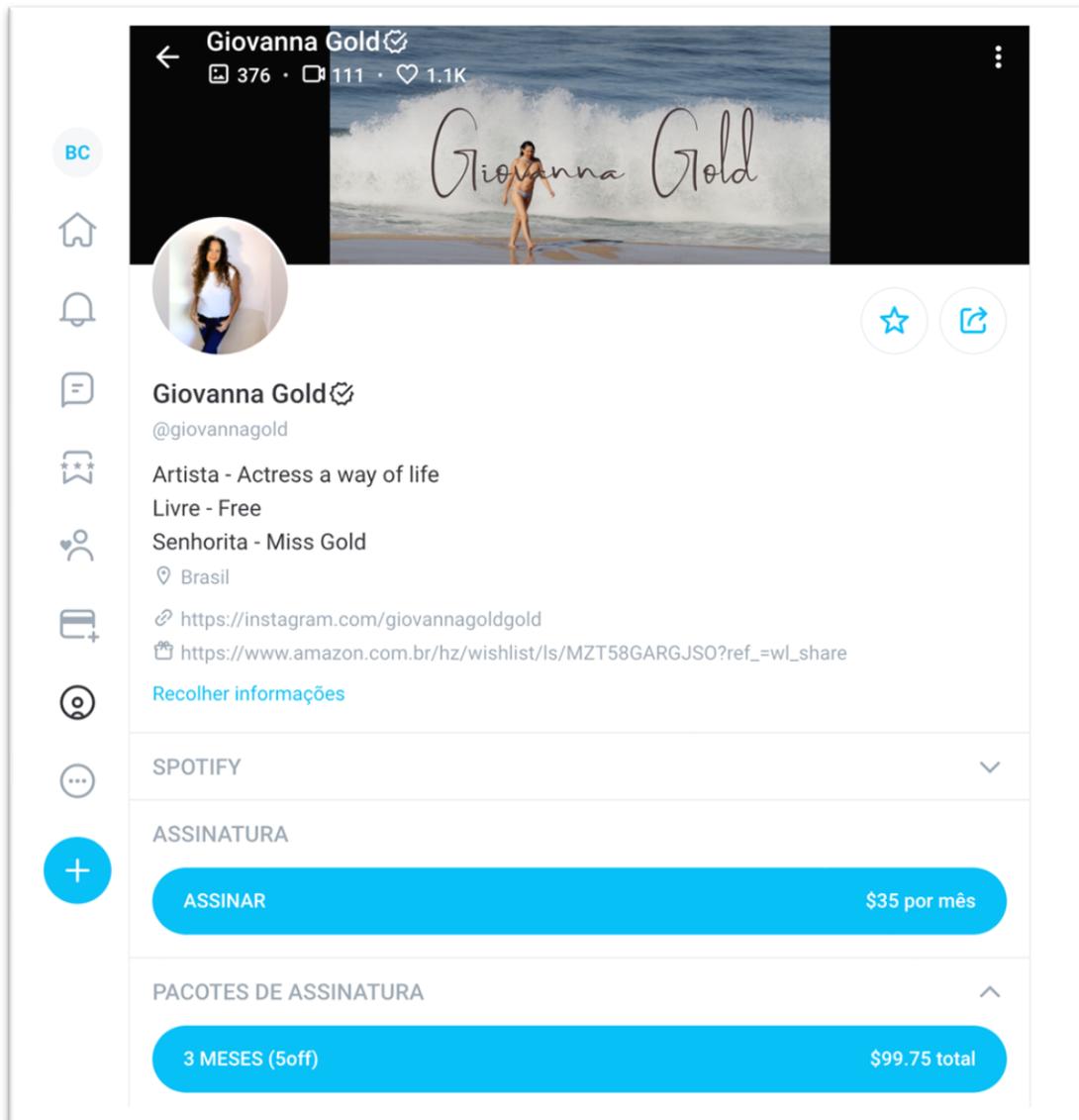
4.2. Giovanna Gold

Giovanna Gold, atriz brasileira amplamente conhecida pelo papel de Zefa na novela "Pantanal" (1990), trilhou uma longa e diversa carreira no teatro, televisão e cinema. Sua trajetória inclui participações marcantes em novelas, peças e programas humorísticos, além de sua atuação como empreendedora. Ao longo dos anos, a atriz construiu uma imagem pública forte e versátil, que culmina atualmente em uma transição notável para o universo digital, mais específica para a plataforma *OnlyFans*, voltada para conteúdos adultos. Aos 59 anos, Giovanna mantém uma presença significativa na plataforma, onde explora de forma ampla os conceitos de performance, identidade digital e íntima.

A escolha de Giovanna Gold por ingressar no *OnlyFans* reflete uma busca contínua por reinventar-se e conectar-se com o público de novas formas. Diferentemente de outras plataformas de redes sociais que priorizam a superficialidade da conexão imediata, o *OnlyFans* exige uma performance mais personalizada e íntima, onde o contato com os assinantes não se limita apenas ao entretenimento visual, mas também a um nível de interação que potencializa o valor da autenticidade e da proximidade. Como Sibilía expõe em seu livro, o espaço público digital tem se tornado cada vez mais um palco para a exibição do "eu", onde a vida privada se transforma em algo a ser consumido por uma audiência sempre em busca de narrativas autênticas e íntimas (SIBILIA, 2006). Giovanna, ao optar por essa

plataforma, entende o valor dessa exposição, mas, mais do que isso, constrói ativamente uma narrativa que envolve tanto sua vida pessoal quanto sua performance artística, desafiando os limites do que é considerado "privado" e "público".

Figura 6 – Página inicial do perfil privado de Giovanna Gold no *OnlyFans*

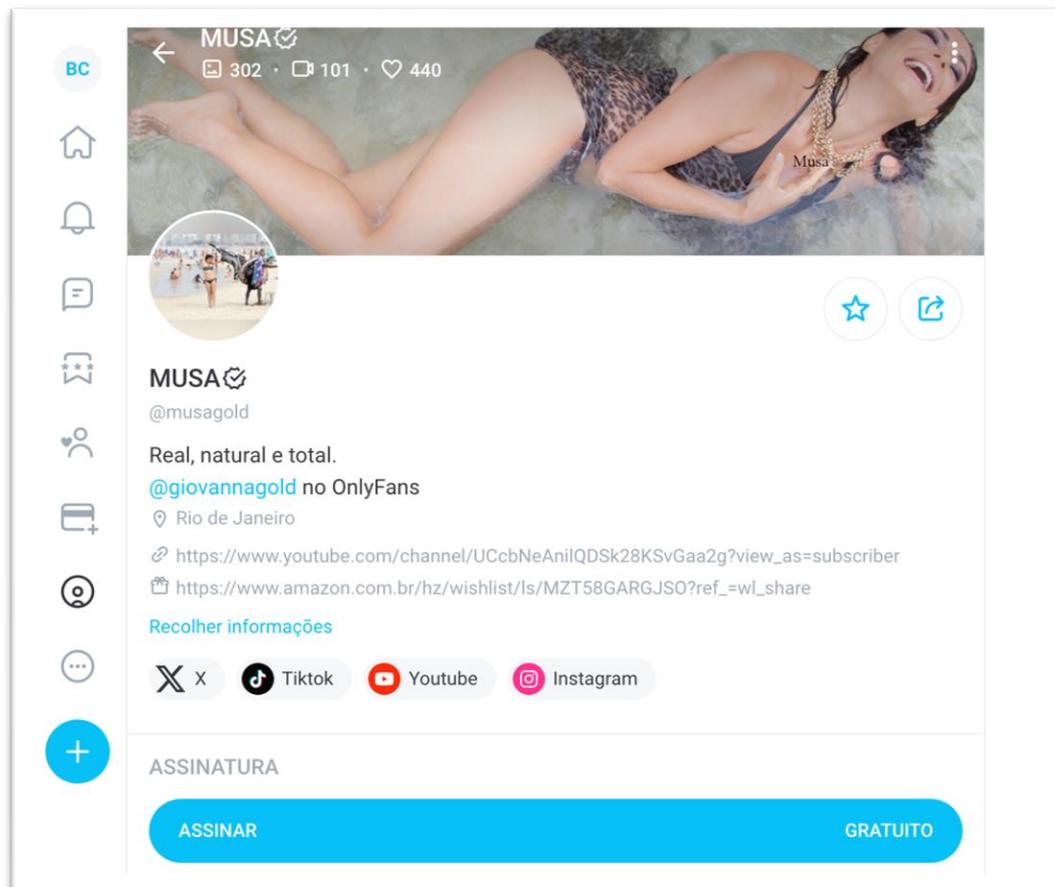


Fonte: Captura de tela

O uso de uma plataforma como o *OnlyFans* permite que Giovanna explore sua identidade digital de maneira estratégica, apresentando-se de forma genuína e, ao mesmo tempo, utilizando a curadoria de sua própria imagem como uma ferramenta performática. Sibilia argumenta ainda que as plataformas digitais encorajam uma exposição pública que frequentemente transforma a vida privada em espetáculo. No

caso de Giovanna, essa exposição não é passiva, mas uma construção deliberada de um "eu" performático, que se alinha com sua imagem pública estabelecida, porém com novas camadas de intimidade e proximidade oferecidas diretamente aos seus seguidores. Isso reforça a ideia de que, no contexto das mídias digitais, a autenticidade se torna um produto a ser comercializado, e a intimidade, uma espécie de moeda de troca, tanto para o criador quanto para o público consumidor.

Figura 7 – Perfil público de Giovanna Gold no *OnlyFans* intitulado MUSA



Fonte: Captura de tela

A decisão de manter dois perfis no *OnlyFans* também pode ser vista como uma forma de segmentação de audiência, o que é uma prática comum entre criadores de conteúdo que desejam maximizar seu alcance e atender a diferentes tipos de interesses dentro de seu público. A criação de um perfil sob o nome "Musa" e outro sob seu próprio nome demonstra uma compreensão clara das dinâmicas de mercado dentro da plataforma, onde diferentes personas digitais podem coexistir para atrair diferentes tipos de assinantes. Em ambos os casos, no entanto, o foco de Giovanna

parece estar na autenticidade, o que é reforçado por sua descrição como "real, natural e total". Isso reflete um esforço consciente para manter uma conexão genuína e emocional com os seguidores, que muitas vezes buscam algo além da simples visualização de conteúdo — desejam sentir-se próximos e envolvidos com a figura pública que acompanham.

Essa fragmentação da identidade, que permite a coexistência de múltiplas personas, vai ao encontro da análise de Sibilía sobre a multiplicidade de identidades performáticas na era digital. Ao manter dois perfis, Giovanna não apenas explora sua própria sexualidade em diferentes níveis, mas também se posiciona como uma criadora de conteúdo multifacetada, capaz de atrair diferentes públicos e construir diferentes narrativas sobre si mesma. Essa é uma prática que reflete a tendência contemporânea de "curadoria de si", onde a gestão da própria imagem e da própria identidade é uma prática constante e reflexiva, adaptando-se às demandas de visibilidade e conexão com o público.

A plataforma *OnlyFans*, ao permitir que criadores como Giovanna Gold capitalizem em sua intimidade, representa uma mudança nas relações entre o público e o privado, tal como discutido por Aline Maria em sua obra de mesmo nome. Ela debate que as fronteiras entre esses dois âmbitos estão se dissolvendo com o advento das redes sociais e plataformas digitais, onde a exposição do íntimo se torna um recurso valioso (ROCHA, 2012). Giovanna exemplifica essa transformação ao utilizar sua presença digital para construir um espaço onde sua intimidade é compartilhada de forma controlada e estrategicamente monetizada. Isso reflete uma tendência maior na cultura digital contemporânea, onde a busca por autenticidade e conexão é mediada por práticas de exposição pública, mas sempre dentro de uma perspectiva de mercantilização desses processos.

Além disso, é importante considerar o papel da idade de Giovanna Gold nessa nova fase de sua carreira digital. Ao ingressar no *OnlyFans* aos 59 anos, ela desafia as expectativas e os estereótipos da sociedade sobre envelhecimento e visibilidade, especialmente para mulheres. Em um setor predominantemente associado à juventude e à sexualização, a presença de uma figura madura como Giovanna abre novas discussões sobre a representação da intimidade e da sensualidade ao longo da vida. A atriz não apenas se reinventa, mas também subverte normas culturais ao reafirmar sua autonomia sobre o próprio corpo e imagem, criando novas narrativas para mulheres mais velhas no mundo digital. A plataforma, assim, permite que ela

continue exercendo controle sobre sua carreira e sobre a maneira como se apresenta ao público, algo que se torna especialmente relevante em um momento em que a visibilidade digital é cada vez mais central para a sobrevivência profissional de artistas e figuras públicas.

A abordagem de Giovanna no *OnlyFans*, além de desafiar estigmas etários, também traz à tona questões discutidas por Sennett, onde ele critica a dissolução das barreiras entre o público e o privado na sociedade contemporânea (BIRO, 2019). Sennett argumenta que essa exposição excessiva da intimidade pode gerar uma perda de autenticidade nas interações sociais. Contudo, no caso de Giovanna, a exposição íntima parece ser uma escolha consciente e empoderada, uma maneira de exercer controle sobre sua própria narrativa e carreira em um momento de transformações tecnológicas e culturais. Ao contrário de ser uma vítima da mercantilização da intimidade, Giovanna parece dominar esse processo, utilizando a plataforma para expandir sua atuação e para explorar novas formas de conexão com o público, sempre sob seus próprios termos e diretrizes.

Em *A História da Sexualidade*, Foucault discute como a sexualidade foi historicamente usada como uma forma de controle e disciplina, onde as práticas confessionais se tornam centrais na construção da identidade e da subjetividade (ALMEIDA, 2021). No caso de Giovanna, ao compartilhar aspectos íntimos de sua vida em uma plataforma digital, ela não apenas participa dessa economia da confissão, mas também a subverte, transformando a exposição de sua intimidade em um ato deliberado de autonomia. Foucault argumenta que o controle sobre a sexualidade é uma forma de exercício de poder, e Giovanna, ao se apropriar de sua própria sexualidade e utilizá-la como um recurso performático e econômico, desafia as normas tradicionais que restringem a expressão sexual feminina, especialmente na sua idade.

Assim, ao invés de apenas seguir tendências, Giovanna Gold demonstra uma compreensão profunda das dinâmicas contemporâneas de mercado e mídia. Sua entrada no *OnlyFans* não é apenas uma forma de revitalizar sua carreira, mas uma expressão do domínio sobre sua identidade digital e performática, equilibrando o desejo de intimidade e conexão com as exigências de uma era marcada pela visibilidade constante. Giovanna, ao se adaptar e florescer no ambiente digital, oferece um exemplo poderoso de como artistas podem redefinir suas trajetórias em um cenário de mudanças tecnológicas e culturais.

O trabalho de Giovanna Gold no *OnlyFans*, não pode ser visto apenas como um movimento isolado de uma atriz veterana tentando manter-se relevante. Trata-se de um exemplo da complexa negociação entre identidade, performance e intimidade que artistas contemporâneos enfrentam, especialmente em um mundo onde a visibilidade e a autenticidade são demandas centrais do público consumidor. Ao se inserir em uma plataforma como o *OnlyFans*, Giovanna não apenas reafirma seu espaço no cenário digital, mas também participa ativamente de uma transformação cultural onde o íntimo se torna parte do espetáculo público, mas sem renunciar a sua agência sobre essa exposição.

Em última análise, Giovanna Gold oferece um estudo fascinante de como figuras públicas podem reconfigurar sua relação com o público através das ferramentas digitais, utilizando-as para recriar suas identidades performáticas e redefinir os limites da intimidade. O uso estratégico do *OnlyFans* como plataforma de expressão e engajamento evidencia como artistas da sua geração podem adotar novas tecnologias para expandir suas carreiras, ao mesmo tempo em que moldam e exploram narrativas intimistas que respondem tanto às suas próprias necessidades quanto às expectativas de seus seguidores. Giovanna, ao escolher este caminho, coloca-se na interseção de debates teóricos sobre o papel da intimidade na era digital, a construção de identidade em plataformas online e as dinâmicas de poder que permeiam a relação entre celebridades e seus públicos.

4.3. Valesca Popozuda

Valesca Reis Santos, conhecida pelo nome artístico Valesca Popozuda, é uma das figuras mais icônicas do funk carioca, símbolo de empoderamento feminino e uma voz influente na defesa de questões sociais, como os direitos da comunidade LGBTQIA+. Nascida em 1978 no subúrbio do Rio de Janeiro, sua trajetória é marcada pela superação de adversidades e pela consolidação de sua carreira artística no grupo "Gaiola das Popozudas", onde se destacou como uma das pioneiras do neofeminismo no funk. Com sua imagem pública já profundamente enraizada na sensualidade e no uso do corpo como expressão de poder, Valesca expandiu sua performance de intimidade ao aderir à plataforma *OnlyFans*.

Valesca sempre esteve à frente da representação de sua própria identidade, seja como mulher, artista ou ambos, utilizando sua imagem pública, profundamente enraizada na sensualidade, para subverter expectativas sociais. Sua trajetória no funk

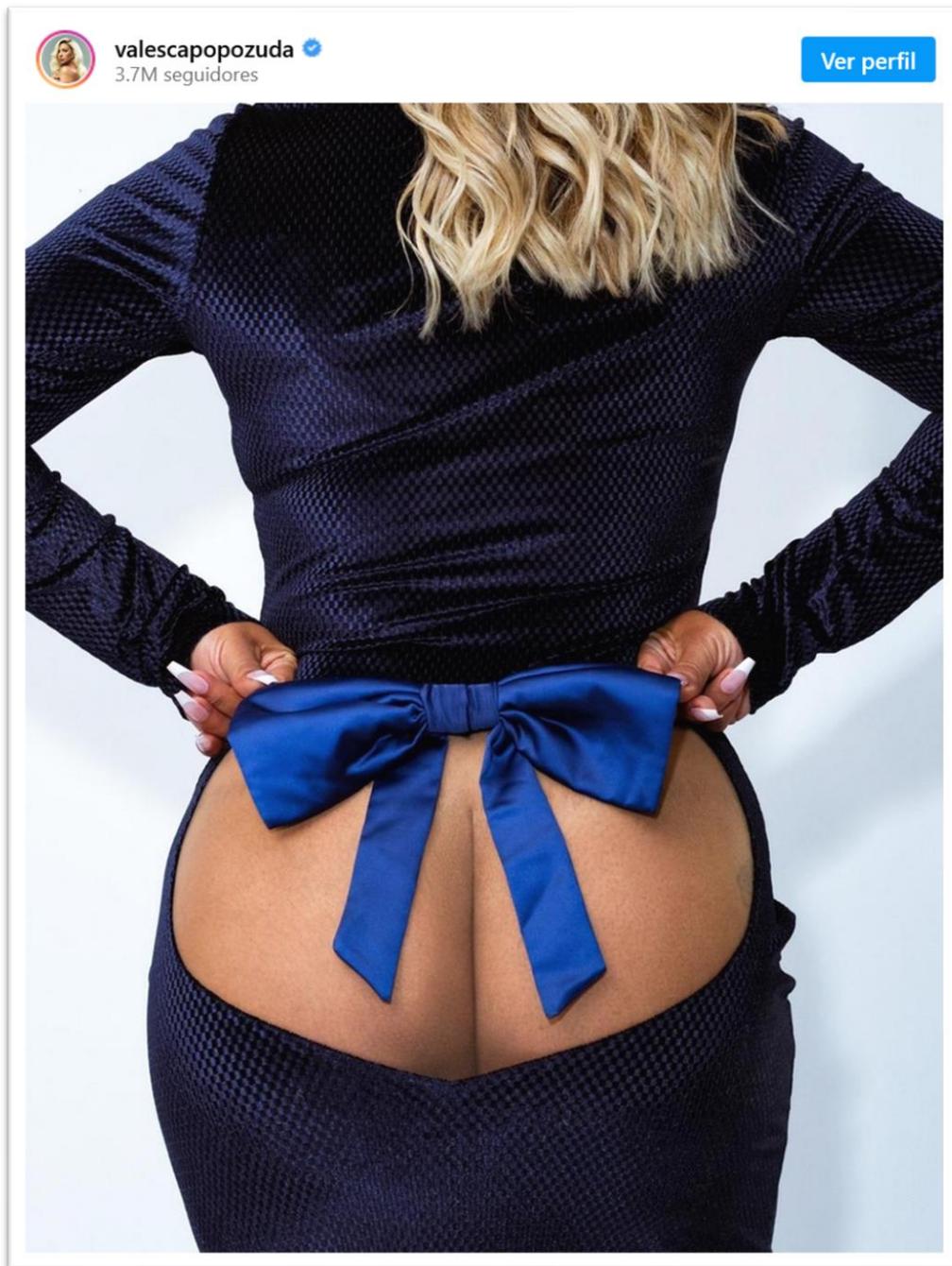
carioca foi marcada por performances sensuais e provocativas, que, ao longo dos anos, se tornaram parte integral de sua identidade pública. Essa construção de uma persona pública atrevida e autêntica a posicionou como um símbolo de resistência e empoderamento, utilizando a sexualidade como uma ferramenta de poder e expressão. O que torna essa transição para o *OnlyFans* interessante é como Valesca, já familiarizada com a objetificação e o uso de seu corpo como capital cultural, subverte as expectativas sobre intimidade e controle.

A entrada de Valesca no *OnlyFans* pode ser interpretada como uma continuidade de sua trajetória de controle sobre sua própria narrativa. A plataforma, conhecida por possibilitar a venda de conteúdo íntimo diretamente para assinantes, permite que ela negocie sua imagem de forma mais direta e sem a mediação tradicional da indústria da música ou da mídia. Dessa forma, ela reitera a mensagem de “meu corpo, minhas regras” que tem permeado sua carreira, ao mesmo tempo em que desafia a linha tênue entre o privado e o público, questionando os limites da intimidade no ambiente digital.

A adesão de Valesca ao *OnlyFans*, inicialmente motivada por pedidos de seus fãs, marca um ponto crucial na sua trajetória enquanto figura pública que transita entre o *mainstream* e as plataformas alternativas. O conteúdo que ela oferece, embora sempre associado à sensualidade, é cuidadosamente planejado e divulgado como parte de uma estratégia de marketing e divulgação de seu trabalho musical, como no caso do lançamento do *single* "Presentinho", que foi promovido de forma alinhada ao conteúdo também disponibilizado na plataforma do *OnlyFans*. Isso reforça a ideia de que a intimidade, quando mediada pela economia digital, se torna um artefato de consumo massivo. A decisão de entrar no *OnlyFans* é menos uma rendição às demandas por mais conteúdo explícito e mais um movimento calculado de Valesca para capitalizar seu controle sobre sua própria imagem, em consonância com sua trajetória de artista que utiliza o corpo como parte de sua performance.

Esse movimento pode ser analisado através dos conceitos de "intimidade banalizada", como discutido por autores que exploram o impacto das plataformas digitais na vida pública e privada (ROCHA, 2012). Ao aderir ao *OnlyFans*, Valesca reconfigura o conceito de intimidade, transformando o que seria considerado privado em um produto acessível, mas ainda controlado por ela. Não é apenas a intimidade física que está em jogo, mas uma construção performativa da intimidade digital, onde a artista não se expõe de maneira vulnerável, mas sim de forma planejada.

Figura 8 – Estreia de “Presentinho” nas plataformas digitais e *OnlyFans*



Fonte: Captura de tela

Desde sua primeira aparição pública, Valesca tem utilizado o corpo e a imagem como ferramentas de subversão e poder. Suas apresentações no palco, sempre carregadas de simbolismos relacionados ao poder feminino, encontraram continuidade em sua entrada no *OnlyFans*. No entanto, a performance aqui transcende o simples ato de expor o corpo; ela se torna uma extensão da narrativa

que a própria Valesca construiu ao longo de sua carreira. Ao contrário de muitos que veem o *OnlyFans* como uma plataforma de exposição, ela o utiliza como uma plataforma de controle. Este é um ponto chave para entender o que faz uma artista como Valesca recorrer a essa plataforma. O *OnlyFans* oferece a ela a oportunidade de transformar sua imagem pública em uma mercadoria de valor calculado, onde a intimidade é simulada e gerida com precisão.

O caso de Valesca no *OnlyFans* evoca o conceito explorado por Sibilia, que se refere à mulher que navega pela linha entre o público e o privado, sempre se utilizando da imagem para exercer poder (SIBILIA, 2006). No caso de Valesca, sua presença na plataforma é uma extensão de sua performance feminista, onde a mulher assume o controle total sobre sua própria narrativa e corpo. A plataforma não é um fim, mas um meio de continuar afirmando sua identidade pública enquanto desafia as noções convencionais de intimidade e exposição.

Valesca, que já havia explorado a nudez ao posar para a *Playboy* em 2009, admite que sua entrada no *OnlyFans* é um território novo. A diferença, porém, está no controle que ela exerce sobre o conteúdo e na narrativa em torno desse novo desafio. Ela mantém o domínio sobre a forma como sua imagem é consumida e sobre os limites do que está disposta a compartilhar. A trajetória da artista na plataforma representa uma mudança significativa na maneira como artistas que emergem de nichos como o funk, tradicionalmente marginalizados, podem utilizar o espaço digital para expandir seu alcance e gerar renda.

Ao longo de sua trajetória no *OnlyFans*, Valesca utiliza não apenas fotos e vídeos, mas a própria plataforma como um artefato de expressão artística e comercial. Isso reflete a contínua mercantilização da intimidade em um mundo digital, onde a linha entre público e privado é constantemente renegociada. Para artistas como Valesca, o *OnlyFans* não é apenas uma plataforma de exposição; é um espaço de criação e controle onde o que está em jogo é menos o conteúdo explícito e mais o poder de decidir quando, como e o que mostrar.

Atualmente, o perfil de Valesca Popozuda no *OnlyFans* não está mais disponível nas plataformas digitais. Esse desaparecimento pode ser interpretado sob diversas óticas, as quais levantam questões importantes sobre as condutas que cercam a identidade apresentada publicamente e performance da intimidade, conceitos que são cruciais para entender tanto sua entrada na plataforma quanto sua subsequente retirada. A necessidade de reassumir o controle sobre sua imagem em

um ambiente que demanda sua exposição contínua parece muito óbvio, mas o ato deliberado de preservar os limites de sua intimidade e evitar uma hipere Exposição que poderia desvalorizar sua imagem pública e artística soam mais pertinentes ainda, principalmente quando analisamos o funcionamento do mercado no qual ela se insere, sendo este fonográfico, midiático e brasileiro, cada um deles possuindo sua própria estrutura de funcionamento e continuidade.

Partindo do princípio de que foi uma decisão natural da própria Valesca de ingressar e, posteriormente, se retirar do *OnlyFans*, reflete aqui uma negociação cuidadosa sobre os limites da exposição na era digital. Por outro lado, a decisão de ingressar no *OnlyFans* deve ser vista dentro do contexto da construção de uma imagem pública marcada pela sexualidade e pela apropriação do corpo como ferramenta de empoderamento e entretenimento. Valesca, ao longo de sua carreira, sempre navegou entre os limites da performance sensual e a reivindicação do corpo feminino como instrumento de poder, algo muito presente na cultura do funk carioca. Assim, a migração para o *OnlyFans* pode ser entendida como uma continuidade lógica de sua trajetória, onde a intimidade e a exposição são estratégicas na construção de sua identidade pública.

Desde o início de sua carreira, Valesca Popozuda se destacou como uma figura de grande impacto visual e performático, utilizando seu corpo como ferramenta de poder e subversão. Sua performance nos palcos, com o grupo Gaiola das Popozudas, já demonstrava a construção de uma identidade onde o corpo era o principal meio de expressão artística, carregada de simbolismos relacionados ao poder feminino e à liberdade sexual. Sua entrada no *OnlyFans* reflete essa mesma postura: a extensão de sua performance corporal em um ambiente digital para engajar e manter o interesse de seu público, no qual ela determina as regras do jogo.

Valesca sempre foi uma figura que compreendia a importância da imagem na era digital. Desde seus clipes superproduzidos, como “Beijinho no Ombro”, até as aparições em realities como “A Fazenda”, sua identidade pública foi amplamente construída em torno da exposição. No entanto, no *OnlyFans*, a intimidade se transforma em mercadoria de forma ainda mais direta, o que desafia a relação entre autenticidade e performance. A presença dela na plataforma era, em parte, uma resposta ao pedido de fãs, mas também reflete um fenômeno mais amplo, no qual celebridades recorrem à monetização direta de sua intimidade.

O *OnlyFans*, embora muitas vezes associado ao conteúdo adulto, também serve como um espaço de intimidade negociada. Celebidades como Valesca Popozuda entram na plataforma não apenas pela comercialização do corpo, mas também pela interação direta com uma audiência que busca o que o sociólogo Richard Sennett chamaria de "intimidade tirânica" — uma demanda constante por detalhes pessoais e por proximidade com figuras públicas (BIRO, 2019).

A retirada de seu perfil da plataforma pode ser vista como uma ação consciente para controlar os limites de sua exposição. A plataforma oferece não apenas a possibilidade de capitalizar sobre a intimidade, mas também pressiona por uma exposição cada vez maior. Valesca, que sempre lidou com as questões de controle sobre o próprio corpo, talvez tenha visto na retirada da conta uma forma de reafirmar seus limites e manter o controle sobre sua narrativa pública. Sua fala sobre "meu corpo, minhas regras" reflete claramente essa postura.

A análise da trajetória de Valesca Popozuda no *OnlyFans*, bem como sua retirada da plataforma, pode ser interpretada à luz dos conceitos de identidade performática e banalização da intimidade discutidos por autores como Sibilia. A intimidade, enquanto capital na era digital, torna-se cada vez mais exposta e, ao mesmo tempo, vazia de significado profundo. Segundo Sibilia, essa exposição cria uma ilusão de proximidade e autenticidade, quando, na verdade, tudo é mediado pela lógica do mercado (SIBILIA, 2006).

No caso de Valesca, sua presença no *OnlyFans* era, em certo sentido, uma extensão de sua carreira construída sobre a performatividade do corpo, mas, ao mesmo tempo, a plataforma exige uma negociação constante sobre os limites entre o pessoal e o comercial. Ao optar por se retirar da plataforma, Valesca parece estar reposicionando sua própria identidade pública, talvez se afastando da lógica de hiperexposição, que, em última instância, pode esvaziar a potência de sua imagem.

Ao longo de sua carreira, Valesca sempre usou o corpo como forma de poder e expressão, mas o *OnlyFans*, com sua demanda crescente por exposição, apresenta um novo desafio, no qual a linha entre autenticidade e performance se torna ainda mais tênue. Assim, o desaparecimento de seu perfil no *OnlyFans* não apenas encerra um capítulo de sua trajetória digital, mas também sugere uma reflexão mais profunda sobre os limites da exposição na era das redes sociais e das estratégias voltadas para a mercantilização da intimidade.

5. CONCLUSÃO

A presente pesquisa sobre a intimidade e a performance de identidades no *OnlyFans* trouxe à tona uma reflexão crítica acerca das transformações que essas dinâmicas sofreram na era digital. Ao longo deste trabalho, foi possível observar que a intimidade, tradicionalmente compreendida como um espaço pessoal e reservado, foi reconfigurada em um espetáculo onde a exposição do cotidiano e das experiências pessoais se tornaram não apenas uma prática comum, mas uma forma de capital social e cultural em um mundo digitalizado. Este fenômeno reflete uma transformação cultural profunda que se entrelaça com a evolução das tecnologias de comunicação e das plataformas sociais.

Nesse cenário, uma nova fronteira entre o público e o privado emerge, onde as linhas entre autenticidade e performance se tornam cada vez mais difusas. A intimidade, que antes carregava um valor sagrado e profundo, passou a ser vista como algo acessível e exposto a um público vasto. Essa mudança de paradigma sugere que, embora a abertura em discutir sexualidade e experiências pessoais possa ser libertadora em muitos aspectos, também apresenta um risco de desvalorização do que consideramos íntimo. A trivialização desse debate resulta em uma diminuição do caráter significativo que antes a acompanhava, levando à despersonalização do que deveria ser uma expressão genuína de individualidade.

Essa nova configuração nos leva a questionar não apenas o que é exposto, mas também as motivações que estão por trás dessa exposição. A busca por validação social, a necessidade de pertencer a uma comunidade e a pressão para se destacar em um ambiente digital saturado transformam a intimidade em uma construção consciente e estratégica de identidade, sendo esta também um produto sociodigital. Assim, a experiência do "eu" se desdobra em múltiplas camadas de apresentação, onde cada ato de compartilhamento é meticulosamente calculado para alcançar um efeito pré-estabelecido.

Na análise da plataforma *OnlyFans*, notamos que ela opera como um microcosmo das dinâmicas sociais e culturais mais amplas que permeiam a era digital. Embora frequentemente associada a conteúdos sexualizados, a plataforma também oferece aos criadores um espaço para explorar suas identidades e intimidades de maneiras que vão além do superficial. O *OnlyFans* torna-se, assim, um campo de experimentação, onde os criadores podem expressar suas individualidades de formas

diversas, desafiando as normas tradicionais de como a intimidade deve ser vivida e apresentada.

Entretanto, é importante notar também que, embora essas plataformas ofereçam novas oportunidades de expressão, elas também impõem pressões significativas sobre a performance contínua e a manutenção de uma certa autenticidade para atender às expectativas comerciais. A necessidade de estar constantemente visível e acessível transforma a intimidade em um recurso rentável, muitas vezes esvaziando seu significado mais profundo.

A discussão sobre a identidade digital, em particular, destaca a complexidade dessa nova realidade. A linha entre realidade e performance se torna cada vez mais tênue, à medida que as personas criadas nessas plataformas não são meras ficções, mas sim extensões da individualidade publicamente omissa dos criadores. Essa ideia se conecta fortemente ao trabalho de Paula Sibilia, que argumenta que o "eu" é continuamente moldado e projetado para um público específico nas redes sociais. Portanto, mesmo quando uma persona online é desenvolvida para o entretenimento, ela carrega traços genuínos da individualidade do criador, refletindo suas perspectivas, experiências e visões de mundo.

Ao dedicarmos nossa atenção maior à análise de perfis reais, direcionamos nossa perspectiva para casos concretos desses efeitos na plataforma do *OnlyFans*, onde a confluência entre intimidade e atuação se revela nas interações com suas audiências. As trajetórias dessas mulheres revelam diferentes maneiras de navegar por essa nova dinâmica de exposição e monetização. Elas utilizam suas plataformas digitais para gerenciar suas identidades performáticas e oferecer ao público um vislumbre de suas intimidades cuidadosamente construídas. No entanto, sob outra ótica, o que essas figuras revelam é que, longe de serem simplesmente objetos de consumo, elas mantêm um controle considerável sobre a narrativa que constroem a partir de seus corpos e imagens.

Apesar de apresentarem performances ligeiramente distintas, compartilham um ponto comum: todas encontram na exposição controlada de suas vidas pessoais uma forma de empoderamento. Ao mesmo tempo, a monetização de suas intimidades gera uma série de tensões, especialmente no que diz respeito à autenticidade dessas performances. Goffman e Foucault são referências centrais na compreensão desse fenômeno, mostrando como o "eu" é moldado por expectativas sociais e, no caso do *OnlyFans*, por dinâmicas estritamente comerciais.

Ainda assim, em um contexto onde a sexualidade e a corporeidade costumam ser abordadas de maneira superficial, há um verdadeiro desejo de estabelecer conexões autênticas. Muitos dos criadores utilizam a plataforma não apenas para divulgar conteúdos sexualmente explícitos, mas também para compartilhar momentos íntimos de suas vidas, como histórias pessoais, desafios emocionais e reflexões sobre suas identidades. Essa dinâmica sugere que, embora a intimidade tenha sido transformada em espetáculo, ainda possui o potencial de criar vínculos profundos entre criadores e suas audiências.

Na esfera digital, especialmente em plataformas como o *OnlyFans*, a intimidade ultrapassa a simples exposição e assume a forma de um fenômeno multifacetado, onde a persona performática e o eu verdadeiro se entrelaçam e influenciam-se mutuamente. Essa intersecção não só altera as noções sobre o que é considerado íntimo, mas também desafia as convenções sociais que definem os limites entre o público e privado. A habilidade de compartilhar experiências pessoais em um ambiente de alta visibilidade nos oferece uma nova compreensão do que significa ser íntimo na contemporaneidade.

Diante disso, ao examinar as interações entre o íntimo e o espetáculo gerado em volta do mesmo, revela-se que essas experiências são profundas e não meramente superficiais, refletindo as complexidades das condutas humanas e suas trajetórias não convencionais. O que se destaca nesta investigação é uma visão que reconhece a riqueza das relações interpessoais na era digital, onde o espetáculo não se restringe ao olhar artificial do espectador, mas expõe camadas significativas da vivência humana, unindo o íntimo ao social de maneiras contrastantes, mas também fundamentalmente essenciais e conjuntas.

Portanto, ao contemplarmos a intimidade nos dias de hoje, é essencial que consideremos não apenas os efeitos dessa nova realidade para os indivíduos, mas também as implicações socioculturais provocadas por essas mudanças, reafirmando a importância de refletir criticamente sobre o impacto dessas plataformas digitais na subjetividade e nas relações interpessoais. Embora tecnologias emergentes estejam constantemente reconfigurando as percepções e perspectivas da intimidade e identidade, as maneiras pelas quais nos relacionamos também molda esse ambiente, no qual a autenticidade e o espetáculo coexistem, mas também revelam o quão singulares são as performances das experiências humanas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. **Guia de Leitura à “História da Sexualidade” (Michel Foucault): resumo-síntese dos 3 volumes.** Medium, 2021. Disponível em: <<https://guilhermealm.medium.com/guia-de-leitura-%C3%A0-hist%C3%B3ria-da-sexualidade-de-michel-foucault-resumos%C3%ADntese-dos-3-volumes-por-33a04d89be6e>>.

ANDRADE, Ranyelle. **Atriz de Pantanal entra para o OnlyFans aos 59 anos: “Acho excitante”.** Metrôpoles, 2023. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/celebridades/atriz-de-pantanal-entra-para-o-OnlyFans-aos-59-anos-acho-excitante>>.

BILAC, D. B. N. TRANSFORMAÇÃO DA INTIMIDADE: HOMENS E MULHERES NA CONTEMPORANEIDADE NA PERSPECTIVA DA ESTRUTURAÇÃO DE GIDDENS. **Travessias**, Cascavel, v. 6, n. 2, p. e5722, 2012. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/5722>.

BIRO, J. **A tirania da intimidade.** Contrafactual, 2019. Disponível em: <<https://contrafactual.com/2019/07/04/a-tirania-da-intimidade/>>.

BRASIL. **Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13709.htm>.

CARVALHO, Ketryn. **Valesca Popozuda entra no OnlyFans e faz promessa.** Observatório G, 2021. Disponível em: <<https://observatoriog.com.br/cultura-gay/famosos/valesca-popozuda-entra-no-OnlyFans-e-faz-promessa/>>.

CARVALHO, Priscila. **ONLYFANS #6: O que postar e como postar, passo a passo. YouTube, 26/05/2021.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XG-Dk2yuuyg>>.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

CELEBS (2022). **Rita Cadillac no OnlyFans: "Maioria dos meus assinantes é mais novo".** Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/08/25/rita-cadillac-no-onlyfans-maioria-dos-meus-assinantes-e-mais-nova.htm>>.

COSTA, Giulia. **Atriz Giovanna Gold fala sobre entrada no OnlyFans.** O Globo, 2023. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/play/entrevistas/noticia/2023/11/15/atriz-giovanna-gold-fala-sobre-entrada-no-OnlyFans-em-que-cobra-20-dolares-por-mes-excitante-saber-que-tem-gente-me-olhando.ghml>>.

COSTA, G. **OnlyFans: análise de uma plataforma de conteúdo adulto.** 2022. Revista do Departamento de Psicologia - UFF, 34(2), 1-15.

DIAS, Vilson. **Crimes Virtuais: Estudo Introdutório.** São Paulo: Edição Portuguesa, 2021.

ERVING GOFFMAN. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petropolis: Vozes, 2004.

FORBES. **A história sombria e secreta do bilionário por trás do *OnlyFans***. 2021. Disponível em: <<https://forbes.com.br/forbes-money/2021/06/a-historia-sombria-e-secreta-do-bilionario-por-tras-do-OnlyFans/>>.

GODINHO, Rafael. **Valesca Popozuda vai atender a pedidos em estreia no *OnlyFans*: "Meu corpo, minhas regras"**. Disponível em: <<https://revistaquem.globo.com/Entrevista/noticia/2021/08/valesca-popozuda-vai-atender-pedidos-em-estreia-no-onlyfans-meu-corpo-minhas-regras.html>>.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Editora Aleph. 2009.

LISTAS (2018). **11 curiosidades sobre Valesca Popozuda, a rainha do Funk**. Disponível em: <<https://www.bol.uol.com.br/listas/curiosidades-sobre-valesca-popozuda-a-rainha-do-funk.htm>>.

LOPES, Ricardo Cortez; BALDASSO, Júlio César. (2014). **DEBATE DESDE A CAVERNA SOBRE O TRIÂNGULO: FILOSOFIA, VALESKA POPOZUDA E PRESIDENTE DA ABF**. *Kínesis - Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia* (12): 38–57.

MACHADO, C. A. (2021). **Pornografia, novas tecnologias e feminismo: O feminino e a produção de conteúdo erótico em plataformas digitais**. *Cadernos De Gênero E Tecnologia*, 1(1), 31-46.

MORAIS, Mariana. **Rita Cadillac fatura alto com conteúdo adulto aos 70 anos**. *Correio Braziliense*, 2024. Disponível em: <<https://www.correio braziliense.com.br/colunistas/mariana-morais/2024/06/6876602-rita-cadillac-fatura-alto-com-conteudo-adulto-aos-70-anos.html>>.

NASCIMENTO, Márcio. **Crimes virtuais: Desafios à segurança do comércio eletrônico**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.

O LIBERAL. (2021). **Valesca Popozuda é mais uma famosa que adere ao *OnlyFans***. Disponível em: <<https://www.oliberal.com/cultura/celebridades/valesca-popozuda-e-mais-uma-famosa-que-adere-ao-OnlyFans-1.421760>>.

OLIVEIRA, Muka. **Rita Cadillac fala do sucesso nas plataformas adultas e revela pedidos inusitados dos fãs**. *O Tempo*, 2024. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/entretenimento/2024/6/12/rita-cadillac-fala-do-sucesso-nas-plataformas-adultas-e-revela-p>>.

ONLYFANS. **Política de Privacidade**. Disponível em: <<https://OnlyFans.com/legal/privacy>>.

PERES, Henry Frangel Madeira. **Expropriação do trabalho sexual platformizado: um estudo de caso na *OnlyFans***. Escola de Comunicação, Universidade Federal do

Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/19473/1/HPeres.pdf>>.

RAIMUNDO, Arthur Teodósio. **Entre o exibicionismo e voyeurismo na era digital: a necessidade de ver e ser visto**. Repositório Institucional da Faculdade AlfaUnipac, Minas Gerais, 2021. Disponível em: <https://repositorio.alfaunipac.com.br/publicacoes/2021/588_entre_o_exibicionismo_e_voyeurismo_na_era_digital_a_necessidade_de_ver.pdf>

REDAÇÃO TERRA (2023). **Atriz de ‘Pantanal’ entra para plataforma adulta: ‘Real, natural e total’**. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/gente/atriz-de-pantanal-entra-para-plataforma-adulta-real-natural-e-total,fb2ace01b0556faf01616aeabc3b10450hyv1yrp.html?utm_source=clipboard>.

RIBEIRO, LRS. **OnlyFans e o fenômeno do “controle total”: análise de uma plataforma de monetização de conteúdo adulto**. In: Congresso Internacional de Comunicação (INTERCOM), 43., 2022, p. 1-14. Salvador. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumos/R11-1879-1.pdf>>.

ROCHA, Aline Maria Matos. PÚBLICO E PRIVADO: NOTAS CONCEITUAIS SOBRE A TRANSFORMAÇÃO DA INTIMIDADE NA INTERNET. **Revista Intratextos**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 103–125, 2012. DOI: 10.12957/intratextos.2012.1191. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intratextos/article/view/1191>.

SIBILIA, P.; DIOGO, L. Vitrines da intimidade na internet: imagens para guardar ou para mostrar. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 16, n. 30, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/3892>.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Coordenação César Benjamin – 2. Ed., ver. – Contraponto, 2016.

SRINIVASAN, S. **OnlyFans: The application of pornographic content to the digital age**. *Global Media Journal*, 19(36), 1-13, 2021.

TECMUNDO. (2022). **OnlyFans já pagou quase R\$ 20 bilhões a criadores; veja top 10**. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/internet/246015-OnlyFans-pagou-r-20-bilhoes-criadores-veja-top-10.htm>>.

TRALBACK, Mariana., FERNANDES, Rodrigo. **Como criar um OnlyFans: confira o passo a passo pelo celular e PC**. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2023/10/como-criar-um-OnlyFans-confira-o-passo-a-passo-pelo-celular-e-pc-edsoftwares.ghtml>>.

UZANNE, O. **The end of books**. Adelaide: University of Adelaide, 2014. Disponível em: <https://ebooks.adelaide.edu.au/u/uzanne/octave/end/>. Acesso em: 20 abr. 2019.